

O IMPARCIAL



Ano XCIV Nº 37.120 SÃO LUÍS-MA, QUARTA E QUINTA-FEIRA, 1 E 2 DE MAIO DE 2024 | CAPITAL E INTERIOR R\$ 2,00 | @OImparcialMA | @imparcialonline | @oimparcial | 98 99144-5641

...porque o tempo é ímpar

O jornal O Imparcial chega aos 98 anos neste 1º de maio de 2024. Nas nossas páginas, os registros do tempo de muitos momentos ÍMPARes da história do jornalismo no maranhão. Inúmeros jornalistas fizeram parte dessa trajetória, e hoje iniciamos uma série com artigos desses profissionais, contando esses momentos ÍMPARes e singulares, no exercício de suas funções neste, que é o mais histórico jornal do estado.



98 anos de histórias...

CAPITAL E INTERIOR R\$ 2,00

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Ano 1 SÃO LUÍS, 1º DE MAIO DE 2023

O Imparcial

São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Ninguém se perde no caminho da volta

JOSÉ SARNEY



Minha ligação com O Imparcial faz parte de minha biografia, e talvez tenha sido ele que me levou para o destino da política. Tinha dezesseis anos quando O Imparcial, que então editava os matutinos Pacotilha/O Globo, fez um concurso de reportagem para recrutar repórteres aos jornais. Eu me inscrevi e mandei um trabalho sobre a Quinta do Barão. Não julgava que aquele trabalho iria mudar a minha vida.

Pois bem, com surpresa vi estampado no Imparcial o resultado do concurso. Li com grande alegria que fora o primeiro classificado e estava sendo chamado para comparecer à sede da Empresa Pacotilha, que editava O Imparcial, Pacotilha e O Globo.

No dia seguinte, lá compareci e me contrataram como repórter do setor policial com a responsabilidade de escrever as matérias para os matutinos. Teria que sair às cinco horas da manhã, com o fotógrafo Azoubel, que se tornou meu grande amigo, a percorrer as delegacias de polícia para recolher o noticiário criminal.

Meu primeiro trabalho foi me dirigir até o Tibiri para levantar o seguinte caso: uma mulher enlouquecida provocara uma invasão em casas, quebrando coisas e espancando as pessoas, até ser presa pelos moradores e amarrada enquanto chamavam a polícia para tomar as providências.

Quando chegamos, a mulher ainda estava amarrada e a polícia providenciando sua remoção para a colônia de doentes mentais Nina Rodrigues, no atual Monte Castelo, e naquele tempo Bairro do Areal. Azoubel bateu as fotos e fui para a redação do jornal pela primeira vez escrever o texto da matéria.

Naquele tempo o jornal era quase uma carreira, que se começava como repórter policial. Eu comecei a dar um feitiço pessoal às matérias. E uma delas foi a de um homem morto na armadilha colocada numa

quitanda muitas vezes roubada. O proprietário usou esse artifício da armadilha com uma espingarda no quintal. O morto era um egresso da penitenciária, José Pereira, conhecido e tido como recuperado. Fiz uma novela: "José Pereira entre o bem e o mal". Recuperava-se e voltava a roubar. Foi um sucesso e estiquei o caso ao máximo. Isto me levou a sair da editoria de Polícia para ser redator.

Comecei a entrosar-me com os colegas, como Nascimento de Moraes, o grande ícone do jornalismo daquela época. Com o tempo, fiz-me amigo de Sabóia, Miécio Jorge, João Silva, Ribamar Bogéa, do setor esportivo, Camelinho, Galvão, Costa e Silva (poeta da AML) e Fernando Perdigão, o editorialista.

Agora recordo estes tempos com saudade. Fiz-me amigo de Chateaubriand e com ele e Sabóia comemos, em suas viagens ao Maranhão, a peixada do Gago, no Olho d'Água.

Estou escrevendo para muitos jornais do País reproduzindo o artigo semanal que faço para o Imirante, o portal de notícias do Grupo Mirante. Mas sem o jornal de papel, principalmente em minha terra, onde as lutas políticas me criaram algumas incompatibilidades. Eu sinto uma grande nostalgia. Agora, com 92 anos, afastado da política partidária, nossos jornais aceitaram minha colaboração.

No retorno a O Imparcial, lembro-me de José Américo, ao dizer que ninguém se perde no caminho da volta.

Feliz em escrever de novo para O Imparcial, sempre citado por mim e, em verdade, um jornal do meu coração. Ainda sou amigo dos remanescentes dos Di-

ários Associados do meu tempo. Somos uma família. Entre mortos e vivos circulam a lembrança, a saudade e a alegria de ver de onde comecei, e Deus me permitiu voltar.



Jornal, olha o jornal O Imparcial!

FELIPE KLANT



Desculpem os jornalistas, articulistas, colonistas, fotógrafos, revisores, chargistas, impressores, entre outras figuras que diariamente constroem e lapidam uma edição de jornal impresso ou online, mas o segredo do sucesso da chamada, do interesse no consumo dos conteúdos, das notícias depende do jornalista. Verdade que mudou radicalmente a figura do vendedor das manchetes, do menino de calça curta que todos os dias ficavam pelas ruas esguelhando para ganhar uns réis, depois, os expostos em bancas nas praças públicas e, atualmente, nas telas das redes sociais. Saudades de ouvir o Extra, Extra ou Bomba, Bomba quando saía um escândalo virando o fuxico da cidade. Era a época do saiu no jornal o fato virava a repetição na boca do povo e nas rádios.

Equivocado confundimos a rede de blogueiros com o papel dos jornalistas, estamos na tal da facilidade do pago e repetitivo espalhados nos municípios, fazendo a intriga diária, nada que no outro dia alguém lembre ou acredite. Ninguém consegue afirmar qual a ferramenta de comunicação está no patamar do confiável, muitos

interesses estranhos cercam a legítima imprensa, principalmente a investigativa e independente. Pouco existe, ainda algumas resistem ao assédio.

Posso falar confortavelmente do jornal O Imparcial, estou como colunista político ajudando a escrever e descrever a pauta, analisando e refletindo os atos produzidos pelas figuras políticas nos municípios, estado, Brasil e no mundo. Nada pessoal, nunca houve uma determinação da direção para ataques, sempre somos incentivados a focar no detalhamento das condutas administrativas e partidárias dos gestores e escolhidos nas urnas.

Falta muito pouco para o jornal ser um centenário, somente dois anos. Longos 98 anos de resistência e informação de qualidade fizeram a marca de O Imparcial. Com certeza, a capa de hoje comemora a melhor idade do veículo de imprensa mais antigo do Maranhão. Celebrando, em conjunto, o Dia do Trabalhador somado aos artigos, esporte, social, cotidiano, política, economia...

Amanhã, continua tudo de novo!

98 ANOS

CONFIANÇA, CREDIBILIDADE E ÉTICA.

PARABÉNS PELO SEU DIA, JORNAL O IMPARCIAL

O DIA A DIA DA INDÚSTRIA ESTÁ REGISTRADO NAS PÁGINAS DO JORNAL O IMPARCIAL

HOMENAGEM



PELO FUTURO DO TRABALHO



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Em 98 anos como um prego bem dado na história do Maranhão

RAIMUNDO BORGES
Diretor de Redação



O dia 1º de maio de 1926 foi tão marcante para o jornalismo maranhense, quanto o 7 de setembro de 1922, foi para a radiodifusão. Naquele dia, pela primeira vez se fez ouvir, na comemoração do Centenário da Independência do Brasil, na voz do presidente Epitácio Pessoa, uma transmissão via rádio. Já o nascimento de O Imparcial, hoje na edição número 37.120, foi planejada pelo empresário do setor de importação, João Pires Ferreira, para sedimentar no noticiário impresso do Maranhão, o princípio elementar do jornalismo: informação sustentada em fatos verdadeiros, apurados com imparcialidade e equilíbrio.

Como o fundamento do jornalismo é escarafunchar os movimentos da sociedade e transformá-los na história do cotidiano dos povos, O Imparcial chega a 98 anos, agarrado na ideia inicial do J. Pires, de fazer da atividade jornalística, o meio mais democrático de participar da evolução histórica e ser o intermediário de qualquer cidadão nesse processo evolutivo. Isto é, com a consciência de que a informação tecnicamente bem apurada e eticamente responsável, é a chave do sucesso de qualquer ser humano em qualquer parte. Foi com essa missão que este jornal diário está rompendo a beirada do centenário – uma proeza empresarial formidável, num Estado que ainda luta para banir o analfabetismo sistêmico.

O Imparcial é um agente incentivador das boas causas, críticos dos maus governantes, apoiador dos acertos, mas sem jamais descuidar de seu maior patrimônio: o compromisso respeitoso e inarredável com o leitor – assinante, anunciante, jovem, idoso, negro, branco, pobre ou rico. A diversidade social com suas diferenças e semelhanças está presente em cada edição deste matutino. Assim entendemos como a diversidade de raça, étnica, gênero, orientação sexual, religião, idade e classe social, são partes que compõem o conjunto da população maranhense, ludovicense e brasileira.

Desde 1º de setembro de 1970 tenho a honra de participar, efetivamente, da história de O Imparcial, ao lado do nosso diretor-presidente jornalista Pedro Freire, dos companheiros de jornada Douglas Cunha (repórter de Polícia há mais de 50 anos), assim como Neres Pinto, edi-

tor de Esporte. É impossível citar centenas de jornalistas que ajudaram fazer deste jornal uma referência do jornalismo. Mas cabe um destaque para o ex-presidente José Sarney, que aqui obteve seu primeiro emprego aos 17 anos e hoje é colaborador; o juiz aposentado Aureliano Neto, de linotipista a escritor e cronista dos nossos dias; o desembargador Josemar Lopes, ex-revisor; o fundador do Jornal Pequeno, Ribamar Bogéa (in memoriam), repórter esportivo; e os irmãos José Pires de Saboia, diretor por longos anos e Maria Inês Saboya, colunista social de estilo único e cativante. Por fim, o desembargador Arthur Almada Lima Filho, que dirigiu este jornal nos anos de chumbo da ditadura, mesmo como juiz perseguido e afastado das funções pelo regime.

Não é fácil, pois, fazer uma empresa de jornal impresso ser partícipe de tantas transformações na área de comunicação social. Desde a concorrência do rádio, passando pelo advento da Televisão, a partir de 1950, da Internet na década de 1990 na Redação, O Imparcial vive hoje sufocado pelas variantes das mídias digitais, mas sem perder o fôlego. Abordar a crise que se abateu sobre o jornalismo impresso em todas as suas versões é dispensável aqui neste texto comemorativo. Mas não custa lembrar que só em São Luís, no começo deste século, havia nada menos que 14 jornais diários impressos em circulação. Hoje restam dois. O Imparcial, também na plataforma online, consegue ser uma grandeza superlativa no Estado.

Muitos pesquisadores e especialistas acadêmicos já se ocuparam de anunciar a completa extinção dos jornais impressos, revista e o livro físico. Em 2013, foi divulgada uma pesquisa em que aponta o ano de 2027 como um momento trágico para a história dos jornais no Brasil. O Estudo da Future Exploration Network, estima que nessa época, portanto, daqui a três anos, não haveria mais diários impressos no país. Certamente, um prazo um tanto curto para anunciar a morte do jornal, que já sobreviveu a outros presságios mórbidos com o advento do rádio e da televisão na



primeira metade do século XX. Há 10 anos havia 28 jornais impressos no Brasil com mais de 100 anos. Hoje o grupo é menor, mas sem nenhum propósito de comprar o caixão para sepultar a história de cada um.

O jornal impresso, no entanto, está apenas se adaptando a uma evolução que já atinge também as próprias redes sociais e as plataformas que as hospedam. Não custa lembrar dos bons tempos em que o Cinema era a principal forma de entretenimento cultural em São Luís. Todas as nove casas exibidoras fecharam, mas o meio cinematográfico conseguiu se reinventar, adaptando-se à Internet, e as salas exibidoras fazem hoje o que sempre fizeram: ganhar dinheiro com o mesmo público. Por sua vez, nem a pandemia da covid, nem a internet abalaram o formidável avanço da música no mundo.

Assim como um produto tão singelo como o Cuscuz Ideal conseguiu ultrapassar os 106 anos levando pregoeiros da boa massa chegarem diariamente à porta de seus consumidores em São Luís, O Imparcial também não vai desistir tão cedo. Que o diga o superintendente de tecnologia e designer, o mestre em capas-chow, Célio Sérgio – nobre companheiro de longas e desafiadoras jornadas, e todos que estão no mesmo barco. Com eles que, diariamente sonhamos que o jornalismo é o principal fundamento da democracia e de uma lógica meio louca que fazem dos jornalistas um propagador de ideias em formato de notícias, que ajudam a quem nem conhecemos, a viver melhor.

Um caderno de "fraque e cartola"

PAULO PELLEGRINI



Trago somente lembranças boas do meu tempo "ímpar" na redação de O Imparcial. Emprestei minha colaboração ao quase centenário veículo entre abril de 1999 e novembro de 2000. Neste período, fui editor e repórter do vetusto caderno Impar, a casa da divulgação da cultura maranhense, brasileira e internacional.

As redações de jornal são a maior escola de jornalismo que se pode ter. Ali, todas as experiências dessa profissão são vividas. A produção rápida da notícia que acaba de chegar; o planejamento de uma reportagem mais aprofundada; a prática cotidiana da entrevista; a escolha da estética da matéria, da foto à diagramação; o contato com as fontes; e, claro, as discussões com os superiores, sobre a validade ou não de uma pauta, a melhor angulação, o que pode ou não ser divulgado.

Os cadernos de cultura, então, são ainda mais especiais. Produzir matérias diárias sobre toda e qualquer manifestação artística que possa existir é uma experiência fascinante. O repórter de cultura cumpre o duplo papel de aprender sobre o que se fala, através do contato com fazedores de arte das mais diversas matizes (do rabequeiro ao violonista clássico, do cordelista ao cineasta, do artista de rua ao bailarino profissional, da cultura popular à orquestra sinfônica), e de transmitir o que se capta, navegando pelos gêneros jornalísticos opinativos e informativos, como rezam as teorias da profissão.

Nesses idos fronteiriços entre dois séculos, rememoro a dicotomia entre lidar com uma série de aspectos analógicos característicos da imprensa antiga, como a busca por fotos de papel no arquivo, a revisão de textos escritos a mão e o uso do telefone convencional para apurar informações, e uma porção de novidades então nascentes, como as primeiras câmeras digitais, a comunicação por e-mail e a internet como banco de dados.

Mas nunca se abriu mão do caráter autoral naquele Impar do quase século 21. Privilegiávamos pautas próprias e assuntos com o máximo de ineditismo. Saímos para olhar a rua, os espaços culturais, a arquitetura da cidade, os eventos do final de semana. Ao contrário de hoje, os fatos não chegavam até nós. Tínhamos que ir até eles, e tínhamos que descobrir os fatos que ninguém sabia e merecia repercussão. Exercitávamos, diariamente, o trabalho de transformar quatro páginas em branco – no domingo, eram oito! – em conteúdo de jornalismo cultural que pre-

cisava ser relevante, útil e de interesse público.

A informação era fundamental, mas saber o que fazer o com ela, mais ainda. Mantínhamos o hábito da crítica e da avaliação dos produtos culturais. Fazíamos dos releases apenas pontos de partida, nunca de chegada, e tentávamos equilibrar o máximo possível de manifestações ao longo da semana, para que o caderno não fosse um espaço apenas para a música, ou apenas para o cinema, ou apenas para as festas. Era um lugar em que todos deveriam se sentir à vontade.

Dessa forma, algumas matérias se tornaram inesquecíveis para mim, como a revelação de uma suposta visita de Luiz Carlos Prestes ao interior do Maranhão nos anos 1930; a saga da produção do então desconhecido documentário Maranhão 66, de Glauber Rocha; a recuperação da trajetória do Nonato e Seu Conjunto; e uma série de entrevistas exclusivas, das quais destaco uma com o ex-presidente José Sarney, publicada na virada do ano de 1999 para 2000, e outra com a cantora Gal Costa.

Um "caderno de fraque e cartola", como bem definia o diretor comercial Paulo Maurício, epíteto justíssimo se lembrarmos o elenco de colaboradores da coluna "Sacada", que, a cada dia da semana, abria suas janelas para as crônicas de Antônio Nelson Faria, Sebastião Moreira Duarte, Waldemiro Viana, Manoel de Jesus Lopes e Ney Bello Filho – os quatro últimos imortais da Academia Maranhense de Letras. No Impar, ainda havia as reminiscências de Ambrósio

Amorim, um dos maiores artistas plásticos de nossa terra, cujos originais, escritos a máquina de escrever, eu tinha a honra de revisar e editar. Quanto aprendizado! Não tenho dúvidas de que eram tempos em que o maior capital não só do caderno Impar, mas da própria imprensa, era o seu conteúdo. Não que hoje não seja assim, mas em uma época em que aspectos triviais da vida privada de celebridades, a criação de novas dancinhas ou o desabrochar de hits de verão aparecem nos trending topics e rapidamente se transformam em pauta, o conteúdo é apenas apêndice, perto dos índices de visualização e da monetização. Naquela época, a responsabilidade sobre o que apresentar para um exigente público leitor regia nossas rotinas, escolhas e decisões. No meu



caso, mais ainda, por se tratar de um primeiro emprego com carteira assinada, num lugar que já havia sido ocupado por jornalistas do quilate de César Teixeira, Ester Marques, Assis Medeiros, Fernanda Castello Branco e Lissandra Leite - a quem devo agradecimento especial, por ter sido quem me indicou para o jornal, colegas de faculdade que éramos.

Aliás, orgulho-me demais de lembrar o tamanho do time que O Imparcial tinha na época, uma verdadeira seleção de craques do jornalismo maranhense, todos juntos, no mesmo acanhado espaço da redação, então situada no retorno do São Francisco, construindo em suas editorias um jornal extremamente qualificado. Raimundo Borges, Andrea Viana, Ribamar Praseres, Kátia Persovisan, Kely Padilha, Décio Sá, Samartony Martins, Célio Sérgio, Marco Aurélio, Zezé Arruda, Gil Porto, Gojoba, Douglas Cunha, Mirlene Bezerra, Mário Carvalho, Alex Palhano e tantos outros igualmente importantes, capitaneados por Pedro Freire e sua competente equipe.

No meu cantinho, saudades especiais de todos os que formaram a equipe do Impar enquanto estive por lá, meu amados Ernildo Alencar, Socorro Boaes, Patrícia Cunha e Carmen Rebouças, além da própria Lissandra Leite. E da retaguarda tanto da recepção, a sempre prestativa Liza, quanto da editoração, do sexteto Isaac, Reinaldo, Selma, Silvinha, Ana e Xaxado.

Quantas lembranças boas, quantas memórias vívidas, quantas experiências engrandecedoras. Obrigado, O Imparcial, por ter sido o porto de tantas navegações, a inspiração de tantas histórias, o celeiro de tantas amizades.

São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Linotipo - um pouco da sua história

AURELIANO NETO

Não é tão fácil definir o que seja linotipo, mas, para quem viveu uma parte da sua vida trabalhando nessa máquina, que fazia a denominada imprensa escrita (jornais, revistas e livros) de alguns anos atrás, não é uma tarefa das mais complicadas.

Antes de tudo, devo dizer que a linotipo fez parte da minha vida. Fui aprendiz de linotipo e linotipista por cerca de uns onze anos. Entrei, ainda, criança (com cerca de dez a onze anos de idade) para as oficinas do Diário da Manhã, jornal que ficava localizado, juntamente com a redação, na Rua da Estrela, nas imediações das ruas da Palma e 28 de Julho, ou seja, nas proximidades da, à época, famosa zona. Em frente, passavam os bondes, que faziam um trajeto vindo da Praia Grande.

Ali, iniciei os primeiros passos em contato com a linotipo. Fazia, como aprendiz, a limpeza das máquinas. Eram duas: uma modelo 28, e outra 31. Ao lado, havia a rotoplana, máquina impressora de grande porte, que imprimia os jornais depois de concluída a paginação, que era precedida de um processo longo de elaboração: assim passava pela composição, revisão e paginação e, por último, impressão. Essa máquina (a rotoplana) era comandada por um inesquecível técnico de impressora, apelidado carinhosamente de "Telefone", que posteriormente se transferiu para o Estado do Pará, onde foi admitido no Jornal O Liberal, vindo, em anos recentes, a falecer.

Mas, meu aprendizado se consolidou no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado — SIOGE. Esta casa foi a escola dos grandes gráficos: tipógrafos, paginadores e linotipistas. E, à época, confesso, como se fosse Martin Luther King, eu tinha um sonho: ser aprendiz de linotipo nas oficinas do SIOGE. Para realizá-lo, tive um grande amigo que me possibilitou a concretização desse sonho: Zé Ferraz. Era o chefe das oficinas de linotipo do SIOGE. Um homem que se notabilizava pela extrema bondade. Aproveitei, nesse texto, para reverenciá-lo. Foi um grande amigo. Um pai. Compreensivo. E, como eu era estudante e tinha que aliar o trabalho à tarefa difícil de estudar, em momento algum, Ferraz criou qualquer obstáculo, o mínimo que fosse, que cercesse os meus propósitos de formação educacional. Pelo contrário, facilitou no que pôde.

No SIOGE, rapidamente consolidei alguns básicos conhecimentos, porquanto cheguei às suas oficinas; entre os dez a onze anos de idade, e aprendi a manejar a linotipo. E, aos poucos, juntamente com outros companheiros aprendizes, fui substituindo os linotipistas profissionais. Todos eram bons linotipistas: Ferraz, Carneiro, Virgílio, Sabiá, que, ao mesmo tempo era paginador no Jornal O Dia, que funcionava na Rua de Santana, e Lobão (o que, às vezes, com a sua voz empastada, resolvia cantar, como calouro, na Rádio Ribamar). Posteriormente, foram elevados à condição de linotipistas os aprendizes mais antigos e capacitados: Aradian e Expedito Moreira. Grandes amigos que, no dia a dia, alcançaram um aperfeiçoamento técnico e profissional que os credenciara para o exercício da atividade no comando de uma linotipo. Tanto que Expedito teve uma experiência, de mais de dois anos, em O Imparcial, trabalhando numa máquina modelo 28. Este escriba, que está a contar esta historinha, o substituiu quando o meu grande amigo Expedito Moreira deixou O Imparcial e fez o seu retorno ao SIOGE, sendo para lá reconduzido pelo grande humanista Zé Ferraz, chefe da oficina de linotipo daquela autarquia.

Por cerca de três anos, trabalhei como linotipista em O Imparcial, ao lado dos amigos dessa luta diária: Caio, Manezinho, Soçaite, Ipojucam, César, Raimundo, Pombo-Roxo. Trabalhava no expediente do dia e estudava à noite, no Liceu, onde fazia o curso clássico. Na secretaria da redação de O Imparcial, o incansável e criativo Ferreira Baty, o primeiro a me incentivar a escrever textos sobre futebol. Foram publicados alguns a respeito da seleção brasileira, que disputou a copa de 66. Ficou só nisso. Muitas e muitas vezes, de sábado para domingo, entrávamos pela madrugada para fechar o jornal. Ainda tínhamos tempo de fazer uma visitinha à 28 de Julho.

José Pires Saboia, o Doutor Saboia, era quem comandava o jornal O Imparcial e, depois, a Rádio Gurupi, que passou a compor o grupo dos Diários Associados no Estado do Maranhão. Algumas vezes esteve em minha casa, na Belira, dirigindo a sua conhecida kombi, sempre vista parada ao lado do Ferro de Engomar. Essas visitas momentâneas tinham como finalidade específica convocar-me para substituir algum linotipista da noite que havia faltado ao serviço. De outro modo, haveria dificuldade de fazer o jornal. Atendia o pleito do Dr. Saboia, uma vez que recebia as horas extras trabalhadas, acrescidas do adicional noturno. E como ajudava.

Durante todo esse tempo de trabalho como linotipista em O Imparcial, tive a ventura de, todos os dias, compor a máquina as crônicas de Austregésilo de Athayde, o eterno presidente da Academia Brasileira de Letras. Foi um grande aprendizado. Suas crônicas,

também publicadas em O Jornal e na revista O Cruzeiro, eram excelentes, pois compostas de três parágrafos. Dizia tudo. E eram crônicas, no sentido da arte de dizer muito em poucas palavras, com uma técnica narrativa semelhante à de um Rubem Braga. Também compunha diariamente os textos de David Nasser, o Diário de um Repórter, amplamente divulgados pelos meios de comunicação dos Diários Associados. Nessa atividade, submeti-me a um processo de aprendizagem com esses e outros grandes escritores, que deixaram seu nome no altar da nossa história jornalística e literária.



Mas volto à linotipo. A história diz que a linotipo veio solucionar um problema das máquinas menos sofisticadas que faziam os jornais entre os anos de 1820 a 1883, que exigiam a participação de três operários: um que trabalhava no teclado, outro que era encarregado do fornecimento dos tipos (matrizes) e um terceiro que cuidava dos espaçamentos dos tipos e das palavras. Era, assim, atividade complexa e dispendiosa. Precisava ser melhor racionalizada. E a linotipo teve essa função. Tornou mais ágil a produção jornalística.

O mérito da invenção da linotipo é concedido ao alemão Ottmar Mergenthaler, que aperfeiçoou e definiu a sua estrutura em 1884, criando um primeiro protótipo, que foi sendo seqüencialmente aperfeiçoado. Quando eu a conheci, já havia vários modelos: 27, 28, 31 e 32. E, ainda, a linotipo modelo Cometa, cujo magazine (receptáculo das matrizes) era bastante inclinado, o que possibilitava uma maior velocidade na composição das matérias, uma vez que as matrizes circulavam do componedor de volta ao magazine com mais rapidez, exigindo, por isso mesmo, mais agilidade do linotipista. O Jornal Pequeno tinha uma máquina desse modelo. Cada uma delas, ressalte-se, com as suas possibilidades técnicas. Todavia, o modelo que sempre me encantou e que tive, algumas vezes, a oportunidade de com ele trabalhar, foi o 31. Excelente máquina! Quase todas as empresas jornalísticas e gráficas de São Luís possuíam uma linotipo modelo 31: O Imparcial, O Diário da Manhã, O Dia, SIOGE, e, se não for engano meu, a Gráfica São José.

Geralmente, essa máquina modelo 31, por ser muito boa, era operada por grandes linotipistas — aqueles que representavam a elite profissional da classe. É!? havia uma espécie de classe privilegiada de linotipistas —, em razão de serem mais ágeis, em termos de velocidade, e produzirem em quantidade e boa qualidade (com poucos erros) e, ainda por cima, saberem fazer a manutenção da máquina, no que fosse indispensável para o seu funcionamento. Eu, diga-se, não integrava essa elite, e longe, muito longe estava de fazer parte, porquanto fazia uso da profissão para coadjuvar os meus estudos, minha principal meta a ser atingida.

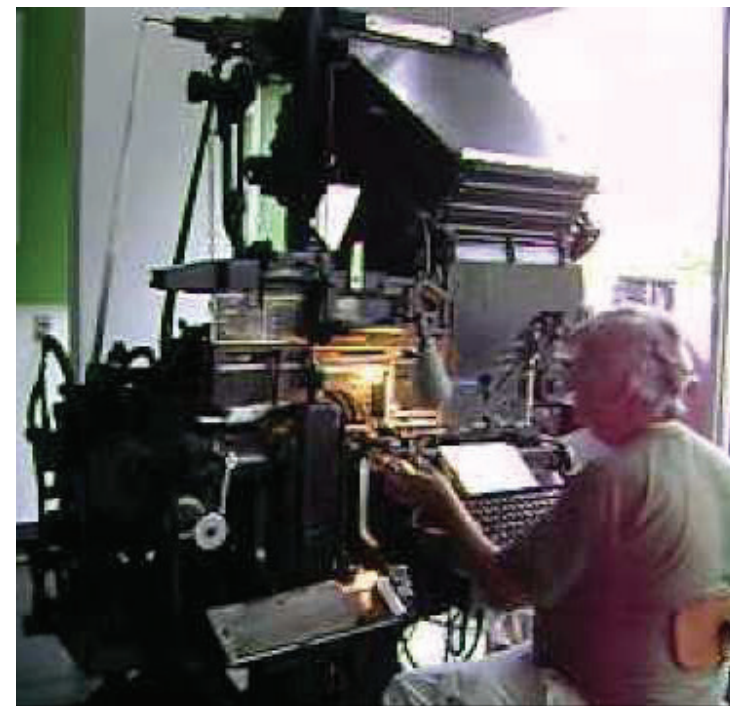
Faço referência a alguns desses grandes linotipistas, que, com o seu trabalho técnico e profissional, contribuíram para fazer a imprensa do Maranhão, que nunca são lembrados. Se faltar algum, que me perdoe o excluído. Mas, cito alguns deles: Amor (Gráfica São José), que depois, segundo soube, se notabilizou como um grande mecânico, Walter (Diário da Manhã e O Dia), Ferraz e Carneiro (SIOGE) - Carneiro trabalhou também na Gráfica São José -, Manezinho, Soçaite, Ipojucam César (por onde anda, hem?), Diquinho — o companheiro que extravasava a sua musicalidade tocando serrote (gráfica dos Correios e Jornal Pequeno) - e Caio (O Imparcial), Raimundo (O Imparcial), Ferdinando (trabalhou em vários jornais, entre os quais, O Imparcial, SIOGE, O Dia), Grilo (O Imparcial e Folha do Maranhão). Foram tantos profissionais, entre vários outros, que transformaram a profissão de linotipista numa atividade gráfica valorizada, de grande respeito nas oficinas da imprensa do nosso Estado.

O funcionamento da linotipo era simples. A primeira etapa do aprendizado era saber-se a composição do teclado, ou seja, a posição das teclas. Ao todo, noventa teclas. A parte preta, contendo, na sua maioria, as letras minúsculas; a parte azul, composta pelos sinais, pontuações, espaços, números, e a parte branca, formada pelas maiúsculas, denominada, na linguagem gráfica, de versais (ou, no singular, de versal). Havia, ao lado, os tipos sobressalentes, que se projetavam através do fuso por uma canaleta, ficando à direita do linotipista, que deles fazia uso quando necessitasse. E se constituíam de matrizes que não faziam parte do teclado. Por todos esses fatores, a revisão dos textos era feita através de determinados sinais, que se adequavam à linguagem utilizada na oficina, rapidamente compreendidos pelo linotipista. Na verdade, em se tratando de revisão, o linotipista era um revisor nato. Raro era o profissional de linotipo que não conhecesse a língua portuguesa e as mais comuns regras gramaticais, como acentuação ou concordância.

Após a limpeza da máquina (que envolvia, especificamente, espaços, com o uso de grafite, e o forno, onde o chumbo deveria estar derretido), tarefa realizada pelo aprendiz, que chegava cedo à oficina, antes do início do expediente, procedia-se à ligação da máquina, e o linotipista assumia o seu comando. Daí em diante se iniciava o processo de composição dos textos (ou matérias, no jargão das oficinas e redações).

Os textos, objeto do trabalho do linotipista, ficavam à frente, sobrepostos ao teclado, sob o foco luminoso de uma lâmpada, cuja luz focava a matéria a ser composta e o componedor, onde, na medida que as teclas eram acionadas, as matrizes iam automaticamente se acomodando, projetadas do magazine, formando as palavras e as frases, até o preenchimento da linha, que tinha um determinado tamanho, de conformidade com o projeto de paginação.

Preenchido o componedor, este era elevado, através de um braço a ele conectado, para, em seguida, um dispositivo, chamado carro, transportar aquelas matrizes (com palavras, frases, pontuações e espaços) até outro braço, localizado do lado esquerdo, que, apreendendo as matrizes, se locomovia para baixo, onde se processava a fundição da linha de chumbo, contendo as palavras e frases. Em seguida, esse mesmo braço subia, e, ao mesmo tempo, descia um outro, que recebia essas matrizes, para levá-las para cima, onde elas



eram empurradas para uma peça denominada de box, que as projetava para o fuso, que as conduzia, e, automaticamente, num caminhar ao som de repetidos estalidos, iam caindo no magazine, na canaleta certa de cada letra, correspondente a cada tecla. Às vezes, podia ocorrer que a máquina engatava e, quando isso acontecia, era tarefa do aprendiz estar atento e logo desengatá-la, para que o serviço fluísse sem interrupção.

Na parte posterior da linotipo, havia uma engrenagem que, movimentada a partir do acionamento da fundição da linha, fazia com que funcionasse toda a estrutura da máquina, envolvendo a projeção das matrizes para fundição, a fundição em si e todo o movimento dos braços, conforme acima especificado.

Esse processo de composição era contínuo e rápido. E, dado o calor, tanto o originado do forno, onde o chumbo se encontrava derretido e preparado para a fundição, numa temperatura adequada, e do local das oficinas, sem muito arejamento, o linotipista trabalhava normalmente sem camisa, assim bem à vontade.

Nessa síntese, que envolve um pouco de mim e outro tanto da linotipo e dos amigos, companheiros gráficos da velha profissão (como Zé Ferraz, Virgílio, Mário Amorim (paginador), Expedito, Aradian, Caio, Louro, Soçaite, Chico (o faz tudo de O Imparcial), Grilo, Pombo-Roxo, Manezinho, Ferdinando, Raça (paginador e músico percussionista do Conjunto Nonato), Walter, Raimundo, César, Boca de Bilha (o Zé Carlos), Sabiá, Diquinho (grande charadista e tocador de serrote),

Cambéu, Charló, Demerval (o filho), Paulo Ramos (mecânico de linotipo) e tantos outros), busquei, através de algumas gotas de reminiscência, mostrar o quanto foi importante para a atividade gráfica e jornalística a linotipo e a figura do linotipista, para, em seguida, concluir fazendo o contraponto com o processo de elaboração atual, em que a informatização, ao substituir, por outros meios técnicos bem mais modernos, a linotipo, eliminou alguns componentes da estrutura de elaboração do jornal: o copidesque, o revisor e o linotipista, com a ressalva de que este, ao compor a matéria no exercício da sua operária função, era, na essência, o primeiro revisor do texto objeto da composição gráfica.

As exigências jornalísticas de hoje são outras: mais a notícia e os fatos, menos a linguagem e menor relevância à correção, embora os fatos se projetem pela linguagem. Nem por isso a matéria jornalística perdeu o seu valor. Pelo contrário, o jornal e a notícia, num jargão de mercado, passaram a ser produtos, que são vendidos ao consumidor do dia a dia: o leitor. São os novos tempos, que talvez o velho gráfico, que amanhecia para fechar o jornal, tivesse que se adaptar, ou, em última hipótese, ser eliminado, como de fato ocorreu.



Teclado da Linotipo diferente dos atuais teclados dos computadores.

Linhas de textos impressos a chupo para montar as pagina do jornal



São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio



Renovação constante

JOSSE RIBAMAR GOMES
(GOJOBA)

Meu primeiro contato com O Imparcial foi ali pelos anos 1960. Rádio-escuta na Rádio Difusora, responsável pelo noticiário nacional e internacional, fui procurado por Cordeiro Filho, então diretor-comercial da Empresa Pacotilha para fornecer as matérias nacionais e internacionais para O Imparcial. Ainda relutei um pouco, mas aceitei a tarefa.

A redação de O Imparcial era chefiada pelo jornalista Miécio de Miranda Jorge e integrada por proeminentes jornalistas. Alfredo Galvão, Aurílio Vieira de Andrade, Baptista Lopes, Merval Melo, Bandeira de Moraes. No comando do columnismo social a jornalista Maria Inês Sabóia, a mais importante do Maranhão. Na direção-geral o Dr. José Pires de Sabóia, que a tudo acompanhava.

Não fiquei muito tempo na Empresa Pacotilha, onde tinha em Pedro Freire e Raimundo Murilo os companheiros de uma mesma faixa etária. Mas, o trabalho na Difusora e os estudos deixaram o tempo muito escasso e optei por deixar O Imparcial.

Nesse período a Empresa Pacotilha já passava por uma renovação administrativa com a ascensão de Adirson Vasconcelos à direção-geral tendo em vista as novas funções dadas a José Pires Sabóia. Adirson fez uma grande administração, fazendo mudanças inclusive na redação colocando Pedro Freire como secretário de redação e responsável por toda edição do jornal.

SEGUNDA FASE

Lá pelo ano de 1979/80, (não guardo muito as datas), recebi a visita do amigo Pedro Freire, na Rádio Difusora, já no bairro da Camba. E Pedro me convidou para ajudá-lo na feitura do Imparcial, principalmente da primeira página. Argumentei que não estava por dentro da redação e diagramação de jornais, mas ele convenceu-me e prometeu ajudar no que fosse preciso. Aceitei a empreitada.

Nesse tempo, administrava a Empresa Pacotilha o professor Raimundo Melo, com quem tinha pouco ou quase nenhum contato, já que quando começava o meu horário no jornal ele já tinha saído. Bom, para enxugar o texto, o professor Melo du-



rou pouco tempo tendo em vista o retorno do Dr. Adirson Vasconcelos ao comando do jornal.

A REVOLUÇÃO

Com o dr. Adirson Vasconcelos começou a ter uma verdadeira revolução no Imparcial com a mudança da impressão do jornal tendo em vista a implantação da off-set, saindo da impressora plana. Foi a primeira grande novidade no fazer jornal em São Luís. Com Pedro Freire assumindo a direção-executiva, passei a função de Chefe de Redação com a responsabilidade de editar todas as páginas do jornal, exceção da página de Esportes, com Neres Pinto e da página policial, com Douglas Cunha.

Ao longo desse tempo, O Imparcial sofreu novas transformações com a chegada dos estagiários da Universidade Federal do Maranhão, levados pela professora Vera Sales, supervisora de estágio. A redação deixou de ser um tanto quanto amadora para ser altamente profissional com os jovens jornalistas fazendo um grande trabalho.

A essas alturas, as linotipos já estavam sendo aposentadas, com a impressão a frio, vindo então, uma equipe de digitadores. Os linotipistas se aposentaram e, de todos, apenas Agenor Boaventura foi para a área de revisão. Adirson Vasconcelos e Pedro Freire começaram a investir em equipamentos, modernos para a época, como o telex, radiofoto e o fim do clichê. Ou seja, as fotos eram passadas para o alumínio num processo que envolvia uma mistura química com ácido. Os clichês eram feitos por Moacir Bueno, que também era zagueiro do Maranhão Atlético Clube.

A SEMENTE

Dentro de todas renovações introduzidas no jornal, Adirson Vasconcelos e Pedro Freire tiveram a sacada de realizar um grande seminário, envolvendo cientistas, economistas, políticos para pensar São Luís do Futuro. Foi assim que nasceu a SEMENTE, que durante cinco dias, no casarão da Rua Afonso Pena a cidade foi discutida e apontadas soluções para alguns problemas. O que foi discutido ali, até hoje está atual. Quem quiser é só pesquisar no Caderno SEMENTE que eu e o jornalista Almeida Pontes editamos.



ERA PEDRO FREIRE

Adirson Vasconcelos após a modernização implantada em O Imparcial, foi convocado pela alta direção dos Diários Associados para dirigir, em Brasília, a Fundação Assis Chateaubriand. Para substituí-lo foi indicado o jornalista Pedro Baptista Freire, cuja posse foi realizada em grande solenidade no salão nobre do casarão da Rua Afonso Pena.

Para revigorar e modernizar o Departamento Comercial de O Imparcial, Pedro Freire contratou em Brasília o publicitário Luciano Coutinho, que formou uma grande equipe de corretores. Com a credibilidade e circulação de O Imparcial, o jornal teve uma grande saúde financeira, tendo as verbas publicitárias oficiais apenas como complemento. Daí vindo toda sua independência editorial.

SEM INTERRUÇÃO

Os jornais de São Luís, exceção do Jornal Pequeno, não circulavam na segunda-feira ou após os feriados. Quando o presidente Tancredo Neves morreu, em 21 de abril de 1985, tivemos que fazer uma edição extra de O Imparcial que deu o maior trabalho. Ir buscar todo o pessoal em casa, e mais outras coisas. No dia seguinte, conversando comigo, Pedro Freire, no seu jeito tranquilo e firme de falar, comentou: - Se não houvesse parada no feriado não teríamos todo aquele trabalho, hein Gojoba?

O tempo passou e não falamos mais sobre o assunto. Em maio de 1994. Quando Ayrton Sena morreu tragicamente, num primeiro de maio, não houve edição extra de O Imparcial, mas, no dia seguinte, Pedro Freire estava determinado a publicar o jornal todos os dias. E assim começou a publicação ininterrupta.

Quando anunciei a decisão na redação, houve alguma resistência, principalmente dos jornalistas mais velhos. Não teve jeito, a decisão estava tomada. Nas duas primeiras semanas foi um sufoco. Apenas Waldemir Neres Pinto estava a postos produzindo, com gosto, a sua página de esportes.

No setor industrial, que confecciona o jornal, Francisco Sampaio, também, jogou duro para convencer o pessoal a trabalhar no domingo e feriado.

Em um domingo, tive que fechar o jornal sozinho, exceção, claro, do esporte. Pior foi ir para a rua fazer a tal ronda policial. Mas, fomos em frente e o jornal se consolidou. Duas semanas depois, O Estado do Maranhão também, começou a sair na segunda-feira, com a reclamação, para comigo, do saudoso amigo Ribamar França, que o editava.

REDAÇÃO ELITE

Quando se fala, hoje, de valorização da mulher, O Imparcial já tinha essa meta há muito tempo. Tanto é assim que teve uma redação com a maioria de mulheres. Jaqueline Heluy, Érika Rosa, Vânia Rodrigues, Telma Amarilis Borges, Zezé Gomes Arruda, Ester Sá Marques...

DIAGRAMAÇÃO DE PONTA

Em 1990/91, aportou no Casarão da Afonso Pena o Mário Garcês e sua tropa, ai incluindo o jovem Célio Sérgio. Com Mari Doihara e Luís Carvalho (Bomsó), partiu para a diagramação estabelecida previamente, com as páginas tendo seu espaço paragonado. Os repórteres deveriam fazer matérias com 30 linhas. No início, durante a adaptação, haja Gojoba cortar matérias. Uma semana depois, todos já estavam adaptados. Assim é O Imparcial com suas renovações constantes.

Do estágio ao respeito, do respeito ao orgulho

KELLY PADILHA

A experiência profissional que mudou a minha vida. Assim posso descrever a minha relação com O Imparcial. O mais incrível é que eu escolhi estagiar neste jornal. Já estava encaminhada para outro estágio e resolvi pedir para trocar. Algo forte e inexplicável me guiou para este lugar que, durante muitos anos, considerei um lar. De estagiária a coordenadora de reportagem, aprendi a respeitar a marca e a história de O Imparcial.

Hoje, conto com orgulho esse capítulo tão relevante de minha história que me preparou para tantas outras histórias incríveis que tenho vivido na carreira. Neste texto, onde parabeno esse gigante chamado O Imparcial, quero dedicar minha homenagem a diferentes pessoas que passaram por lá e ficarão para sempre nessa história. Foi nesta casa que conheci o meu marido, Cláudio, com quem sou casada há mais de 20 anos; e foi nesta casa que fortaleci diversos laços de amizade que ficaram para a vida: Patricia Cunha, Luanda Belo, Ernildo San-



tos, Samartony Martins, Mirlene Bezerra, Joelma Nascimento, Socorro Boaes, Janine Cidreira, Mauricio Moreira e tantos outros nomes queridos, a quem respeito e admiro. Tive a honra de trabalhar lado a lado com os queridos Neres Pinto, Douglas Cunha, José Ribamar "Gojoba", Silvan Alves, Zezé Arruda, e outros tantos ícones que me ensinaram muito sobre a profissão, sobre humildade e ética, de uma forma que eles nem imaginam. Junto com eles, estendo os agradecimentos àqueles que estiveram sempre ali, simbolizando a tenacidade e a luta pelo jornalismo raiz, mas sempre moderno: Pedro Freire, Raimundo Borges e Célio Sérgio, cujo legado tem alcançado diferentes gerações de jornalistas. Sem nenhuma imparcialidade, me sinto honrada por compor esse quadro de profissionais que aprenderam e ensinaram, construindo e reconstruindo a história do jornalismo maranhense. 98 anos de O Imparcial #eufacoparte!!!

São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Uma experiência ímpar

VALDERINA SILVEIRA DE OLIVEIRA PAULA

De fato, fazer parte da equipe de O Imparcial por sete anos foi uma experiência ímpar em minha vida. Convidada por Raimundo Borges, passei a compor a redação deste matutino no início de dezembro do ano de 1991, ao lado de grandes nomes da imprensa maranhense, alguns ainda hoje integrando O Imparcial, como o próprio Raimundo Borges. Foram sete anos correndo atrás da notícia e crescendo profissionalmente ao lado de colegas como Gojoba, Jaqueline Heluy, Ironara Martins, Adriana Galvão, Fernanda Nina, a saudosa Telma Borges e muitos outros.



Aquela época, integrava a Editoria de Política, juntamente com Waldemar Ter, fazendo cobertura dos acontecimentos ocorridos na Assembleia Legislativa, Câmara Municipal e tribunais, inclusive o Tribunal Regional Eleitoral, que a partir do finalzinho do ano de 1999 passou a ser - e é até hoje - meu ambiente de trabalho. Sim, ingressei no serviço público no auge da carreira de jornalista e, por isso, passei muito tempo me sentindo "um peixe fora d'água" afastada das redações.

O dia a dia na redação, as reuniões matinais de pauta, o corre-corre pelas ruas em busca da notícia, a corrida contra o tempo para garantir o fechamento da edição em tempo hábil fazendo com que os exemplares chegassem também a outras cidades do Maranhão, a escolha da manchete no fim do dia... tudo isso foi uma experiência ímpar na minha vida como jornalista, que só deixou, além de saudades, orgulho por ter integrado essa equipe. Na redação de O Imparcial, o repórter também experimentava atuar em outras editorias e, assim, além da página de política, colaborei algumas vezes com os Cadernos Ímpar, Cidade e com as páginas policiais, ao lado de grandes jornalistas, como Douglas Cunha e Egídio Pacheco (o saudoso Gigi). Durante esse período produzindo matérias diárias, vi o Jor-

nal O Imparcial cumprir um importante papel na sociedade por meio da informação e muito me honra saber que fiz parte desse contexto. Dentre tantos fatos memoráveis e episódios marcantes que se tornaram "o assunto do dia" escritos por mim, trago à tona a Comissão Parlamentar de Inquérito dos Fideis Depositários, instaurada na Assembleia Legislativa do Maranhão no ano de 1992, que tinha como objetivo investigar um esquema no Poder Judiciário, que consistia em colocar veículos apreendidos em poder de pessoas como depositárias fideis, sendo que estas usavam e abusavam dos carrões.

A CPI, que tinha como relator o então deputado Juarez Medeiros (hoje Promotor de Justiça aposentado) e presidente o deputado Marcony Farias, era instigante e a cada novo depoimento, uma nova matéria, uma nova pauta, uma cobertura detalhada.

Nomes de pessoas conhecidas e importantes na sociedade foram elencados no rol dos fideis depositários, despertando a curiosidade do leitor e, é claro, a ira dos envolvidos no esquema. Passei a visitar quase que diariamente o gabinete do relator da CPI em busca de notícias e, na sua ausência, captava informações com o Chefe de Gabinete Abdon Clementino de Marinho, atualmente um advogado renomado no Maranhão e um grande amigo; e com o assessor jurídico do parlamentar, Roberto de Paula, hoje magistrado e desde então meu marido.

Ou seja, além de um farto relatório, a CPI deixou como legado meu casamento com Roberto. Convidada a participar da edição dos 98 anos de O Imparcial pelo colega Célio Sérgio, rememorei tantas histórias vividas na redação deste matutino, que precisaria de muitos cadernos para narrá-las; e tantas amizades construídas, que perduram até hoje, e só me fazem concluir que foi uma experiência ímpar mesmo ter meu nome nos anais deste jornal.

Minha história como colaborador de O Imparcial

JORGE VIEIRA

Corria o ano de 1986, o Brasil fazia a transição da Ditadura Militar para a democracia com José Sarney no comando do país quando fui contratado como repórter pelo jornal O Imparcial, a época considerado escola de jornalismo, pelo compromisso com a informação. Foi aqui na redação que comecei a moldar minha vida profissional.

Lembro como se fosse hoje de uma equipe formada por grandes profissionais, a exemplo de José Ribamar Gomes, nosso Gojoba, sempre acelerando o pessoal para fechar a primeira página e Raimundo Borges na chefia da redação chamando atenção para os assuntos que deveríamos ficar atentos, que foram alvo de reportagens para continuarmos acompanhando o desenrolar dos fatos.

A sacada do lindo casarão da Rua Afonso Pena, bem próximo ao abrigo da Praça João Lisboa, sede da redação e do parque gráfico, me permitia admirar a beleza do Largo do Carmo. Quantas vezes ao chegar ao prédio encontrei a figura



folclórica de "Rei dos Homens", contando os trocados, mais já pedindo algum para tomar um caldo de ovos. Ao lado, o Bar do Cajueiro era o ponto de fuga nas horas vagas.

Foi no O Imparcial que adquiri experiência com cobertura política. Primeiro cobrindo para o jornal a campanha do candidato a governador Epitácio Cafeteira em 1986 e posteriormente as atividades do Poder Legislativo e tudo que acontecia no mundo da política no estado. Por isso posso afirmar que minha passagem por este importante veículo de comunicação serviu como aprendizado para meu exercício profissional. Na redação desse quase centenário jornal conheci a pessoa mais maravilhosa de todas com as quais convivi: Telma Borges. Profissional exemplar, figura humana da mais fina linhagem, amiga e companheira de todas as horas com quem me casei e que antes de partir, em 2010, para o plano superior me deu duas filhas, Natália e Izadora, hoje, minha razão maior de viver.

Me orgulho de ter, em algum momento, vivido meu momento ímpar e fazer parte desta brilhante história.

Viva O Imparcial!

RIBAMAR PRAZERES

Me pediram (pediram-me) pra (para) escrever sobre minha experiência profissional em O Imparcial (São Luís, para não confundir no homônimo paulista).

Não se preocupe, caro leitor, De todos e muitos aspectos, vou me ater a dois. O primeiro, diz respeito à questão profissional. O outro, pessoal.

Cheguei a O Imparcial como estagiário curricular, apesar de meus 57 anos de idade. Parece o enredo daquele conhecido filme.

Em O Imparcial conheci muitos profissionais. Todos me contribuíram com a formação.

Como Aprender/Com Quem aprender vindo da Faculdade de Comunicação/Jornalismo? Com toda arrogância da Pirâmide Invertida.

A professora Gisele, da cadeira de Edição Jornalística, Havia me recomendado procurar Gojoba (José Gomes). que



ela transferira as teclas para algo como Folha do Nordeste. Mas aprendi com outros: Xaxado, Celio Sergio... Fosfato... Raimundo Borges... Douglas Cunha, Neres Pinto... Paulo de Tarso, Edmisoln...

a lista é enorme...

Esses foram chefes! Mas os repórteres, estagiários...? Cassia Brito, Cassia Pinto... Outro dia, fiz as contas: 100? 150? ... 200? Ninguém sabe.

Aas o mais importante, A vida!

Em O Imparcial, e vi e revivi a vida! Ali conheci a mulher, de quem viria serpai/mãe da minha filha. Soia Praseres ...

Assim, tem sem sido a minha vida!

////////// FIM

Hoje, me orgulho, Estive em O Imparcial:

Não me corrompi

Uma vida ímpar em O Imparcial

PATRICIA CUNHA

Eu sempre tive uma admiração especial pelo Imparcial. Quando era criança, adolescente, via meu pai meu ler o jornal e lia também. Sempre gostei de ler. Naquela época, a sede funcionava no casarão da Rua Afonso Pena, perto de onde eu morava, no Centro. Sempre que passava por ali, imaginava como era aquele prédio, e como o jornal ali era feito. E imaginação não faltava.

Mas chegamos a 1998. O tempo passou. Eu havia me mudado do Centro, e O Imparcial também, funcionando agora no bairro do São Francisco. Eu, recém formada em Jornalismo, não tinha dúvidas que era pelo Imparcial que queria começar minha carreira.

Chego à redação com meu diploma debaixo do braço, nenhuma experiência, mas muita vontade de fazer parte daquela equipe que já contava com vários colegas contemporâneos da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Fui muito bem recebida, mas informada que não havia vaga naquele momento. Porém, me ofereceram fazer os plantões dos domingos, durante 1 mês. Era sem compromisso, sem remuneração, mas eu topei. Era uma aposta. Não custava arriscar.

E não é que deu certo? Antes de completar 1 mês eu fui chamada para substituir, por 30 dias, a colega e saudosa Telma Borges, que iria tirar férias. Depois da substituição eu fui efetivada. Pronto! Foi o começo de uma história que começou em 1998 e dura até hoje. Quer dizer, em 2001 eu fui em busca de outras experiências, e 10 anos depois, em 2011,



eu estava de volta. E estou até hoje. O que significa O Imparcial para mim? Tudo. Foi com ele que aprendi tudo que sou como profissional. Foi minha primeira experiência como jornalista, minha primeira "casa", onde fiz e trabalhei com inúmeros amigos, e aprendi a ser profissional. E ser profissional foi o que me fez ganhar alguns prêmios pelo Jornal O Imparcial. Vamos falar deles?

Dá um orgulho danado de dizer que sou uma jornalista de O Imparcial, e premiada na categoria principal com os concursos: Prêmio Sebrae 2023, Prêmio MPMA (2018 e 2019), Prêmio OABMA (2018). Além disso, ainda fui laureada pelo Observatório do Trânsito MA, com o Prêmio Sentinela "Jornalista Amiga do Trânsito".

Quem ia imaginar que lá naquele 1998, trabalhando aos domingos, ia chegar a esse tanto de vivência com O Imparcial? O matutino completa, neste 1º de maio, 98 anos. Os 16 anos em que faço parte dessa empresa foram momentos ímpares. Isso aí que relatei é um só uma gota nesse mar de vivência que tenho no jornal. Por lá fiz muitos amigos, produzi muitas pautas, passei por muitas agruras, muitos perrengues, fiz muitos textos, muito tudo... tudo intenso, tudo ímpar, tudo essencial. Neste 1º de maio, parabéns a O Imparcial pela história, pela resistência, e por tudo que representa para a imprensa maranhense e para a história do Maranhão, contada em suas páginas há quase 100 anos. Vida longa!

Muitos momentos ímpares

DOUGLAS CUNHA

Tudo começou em 1968, quando passava em frente ao antigo prédio dos Diários Associados, na Rua Formosa (Afonso Pena) e fui convidado pelo jornalista e radialista Jurandy Patrício de Souza, para fazer um teste na Rádio Gurupy, pertencente ao grupo. Aprovado pelo diretor Ferreira Baty, fiquei apresentando um programa esportivo ao lado de Herbert Lima Salazar.

Mas, foi em 1975, depois de ter passado por outras emissoras como a Rádio Ribamar e Rádio Educadora, que migrei para mídia impressa, após vender para O IMPARCIAL, uma entrevista

com uma ex-colega do curso ginásial, conhecida como Raimunda, que já morava fora de São Luís e estava retornado para apresentar à sua família seu bebê, que tinha como pai Ronald Biggs, que ficou conhecido mundialmente por ter comandado um assalto milionário a um trem pagador na Inglaterra, sua terra natal. O bebê cresceu e ainda criança, Mike se tornou estrela na Tv Globo participando do programa infantil Balão Mágico, ao lado de Simony, Fofão, Toby e Jairzinho.

Cobrei 50 mil cruzeiros e eu mesmo fiz a matéria, que obteve boa repercussão sendo publicada também pelo jornal Correio Braziliense, também dos Diários Associados. Aí fiquei enxerido na Redação, onde fiz logo amizade com os jornalistas que ali trabalhavam. Sonhava em ser contratado, mas como não aconteceu logo, voltei a me dedicar somente ao rádio exercendo minhas atividades na Rádio Educadora.

Certo dia fui designado pelo diretor artístico da Educadora, Robson Rwitter, advogado Raimundo Cutrim, que anos depois se tornou desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão, para representar a emissora e fazer a cobertura de um evento da empresa

Transportes Aéreos Portugueses-TAP, no Hotel Central; Lá encontrei com o repórter fotográfico Raimundo Filho de quem havia me tornado amigo e este me apresentou para o jornalista Acácio Sampaio César vindo de Brasília para dirigir O IMPARCIAL, a quem falou da matéria sobre o filho do Ronald Biggs, que ele lembrou ter lido no Correio Braziliense. Elogiou a matéria me convidou para trabalhar no O IMPARCIAL, devendo me apresentar no dia seguinte na empresa. Não levei a sério e não fui, no dia seguinte encontrei com Pedro Freire, então editor geral, que cobrou minha presença. Fui, e no dia primeiro de julho de 1975, entrei para a equipe de O IMPARCIAL onde permaneço até hoje, chegando aos 49 anos de atividades ininterruptas.

Entre para a Editoria de Polícia como repórter, em substituição ao jornalista Raimundo Nonato Paixão, que havia assumido a Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão e depois prestou concurso público para delegado da Polícia Civil, onde aposentou antes de falecer.

Depois assumi a Editoria de Polícia e com a anuência do Editor Geral Pedro Freire, passei a fazer uma página exclusiva para as notícias policiais, mas percorri outros setores dentro do jornal. Fui repórter de Cidade, Economia, Chefe de Reportagem, Editor Executivo, Colunista, Assessor da Direção Comercial. Paralelamente colaborei com outros órgãos da imprensa na capital e no interior do estado, inclusive na Rádio Timbira onde entrei em 1980 e fiquei por quinze anos dos quais, mais de dez, exercendo a direção do Departamento de Jornalismo.

Tenho grande satisfação em trabalhar no Grupo O IMPARCIAL onde encontro um clima de consideração e respeito mútuo com colegas e diretores.

São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Memórias ímpares de uma estagiária

FERNANDA NINA

O que são dez anos na vida de um jornal que é quase um centenário? Pode até parecer, mas não é pouco, dada a intensidade da vida numa redação. Comecei na rua Afonso Pena, como estagiária do caderno de Cultura, que mais tarde seria o Caderno Ímpar. Estava no terceiro período de Comunicação Social na UFMA e o ano era 1987. Ainda escrevamos numa máquina de escrever em uma folha carbonada, de onde saíam duas cópias, uma para a mesa do diagramador e outra para a mesa do editor chefe. Sim, eu também sou antiga.

Ao chegar ali para apreender mais sobre a profissão que escolhi aos 18 anos, não imaginava que iria ouvir e presenciar tantas histórias do jornalismo maranhense. Entre as inúmeras que precisei e vivi, trago vivas memória pelos menos três que considero reveladoras sobre o ofício de ser jornalista e de ser uma mulher jornalista.

Todas se passaram no imponente prédio da rua Afonso Pena, em frente ao tradicional Ferro de Engomar, o Palacete da Afonso Pena, hoje em restauração.

Não vou usar ordem cronológica, até porque seria difícil estabelecer a num turbilhão de acontecimentos gerados diariamente em um jornal.

Começo pelo dia em que tentaram matar nosso colega Tony Duarte, jornalista e radialista, à época repórter policial com coragem e um faro para notícia como poucos.

A redação ficava num grande salão no segundo andar. Logo na entrada, ao lado da porta ficava a mesa do chefe de redação, Ribamar Gomes, nosso querido mestre Gojoba. Em frente à porta estava a mesa de Duarte. Numa tarde de sábado, dois homens subiram as escadas, pararam na porta e, de frente para Duarte, perguntaram quem era Tony Duarte. Gojoba, em segundo, percebeu a gravidade do momento e de pronto respondeu: - Já foi embora.

Os dois deram meia volta e saíram, enquanto Duarte, lívido, não se moveu na cadeira onde trabalhava.

Logo em seguida, nosso veterano repórte de polícia, Douglas Cunha, foi até a sacada e viu que os homens saíram num gol veloz sem placas. Pouco tempo depois invadiram a Rádio São Luís, enquanto Tony fazia seu programa policial diário, para mais uma



tentativa, deixando um morto e um operador de som tetraplégico. Foi nesse dia que Duarte deixou definitivamente São Luís, com a mulher e os filhos, literalmente com a roupa do corpo.

Já os outros dois episódios, esses vividos por mim, podem até parecer pouco significativos em relação ao primeiro, mas são, sobretudo, reveladores sobre como se comportam homens no poder diante de mulheres. Os dois episódios envolvem políticos tradicionais. Um deles se passou com um ex-prefeito de um município do Sul do Maranhão, que trazia na bagagem um mandato cassado em 1964 sem perder os direitos políticos e em seguida líder da Arena, partido da Ditadura, na Assembleia Legislativa.

Era cedo e só estavam na redação eu e o nosso editor de política Raimundo Borges. O então prefeito, filho de Desembargador já falecido, chega e pede uma entrevista para reclamar dos índios da região. Borges, brincando, nos apresenta e diz: "Fale aqui com nossa repórter antropóloga".

A palavra antropóloga foi a senha para o entrevistado se achar no direito de me tratar mal e me ofender, ou pensar que me ofendia ao me chamar de defensora de índio. Não deixei barato, lhe respondi na mesma moeda e me recusei a entrevistá-lo. Deixei-o falando sozinho na sala onde estávamos.

Minha reação, talvez, resultasse de um episódio semelhante que vivera no mesmo local, a antessala do diretor do jornal. Ainda no começo da minha carreira, ao começar a entrevistar um deputado federal ele se recusou a responder: - Não dou entrevistas para estagiários, disse.

Quis o destino que, aquela estagiária, tempos depois, em um trabalho para o extinto Jornal do Brasil, publicasse uma matéria sobre uma emenda parlamentar para entidade filantrópica em Imperatriz onde, na verdade, funcionava uma casa de prostituição.

Na matéria não havia o deputado autor dada a dificuldade de acesso a documentos na época, mas no mesmo ano da publicação da matéria a CPI dos Anões do Orçamento, que tratava de apurar o destino de emendas parlamentares duvidosas, algo como o nosso atual famigerado Orçamento Secreto, revelou o autor da emenda: o deputado que repudiava estagiárias e se recusara a me dar entrevista.

Uma era ímpar, gravado em Clichê

ADEMAR DANILO

Eu era molequinho, no máximo 14 anos, e o colégio Marista organizou uma visita de seus alunos ao prédio do jornal O Imparcial e Rádio Gurupi.

Aquele escada encheu meus olhos.

Um senhor que parecia saber as coisas do mundo

nos recebeu, de terno e falando muito alto. Ele nos acompanhou na visita. Muito tempo depois vim a saber que era o lendário Pires de Sabóia, pai do meu amigo Haroldo. Aquele escada encheu a minha mente.

Tempos depois, já em 1986, fui convidado a trabalhar naquele jornal, era a celebração dos 60 anos e decidiram fazer uma edição especial. Éramos eu, Helciane Araújo e Isaurina Nunes. Fomos os desbravadores dos arquivos do jornal. Toneladas de edições, desde 1926, passavam em nossa vista e toneladas de poeira grudavam em nossos corpos e roupas e invadiam nossa respiração.

Aquele escada agora eu via, subia e descia todo dia.

Foi assim por algumas sema-

nas: abríamos os velhos livros encadernados, destacávamos o que havia sido avaliado como relevante e levávamos para fotolitar. Fotolito era um filme para fazer o clichê. Clichê era o que era gravado na chapa offset, A chapa offset era a

matriz que gravava num rolo. Só aí era passada para o papel. Os tempos da internet não sonham com as dificuldades do passado.

Aquele escada não sonhava com o futuro.

A edição dos 60 anos do jornal O Imparcial repercutiu imensamente. A equipe responsável levantou - tintim por tintim - as reportagens mais importantes, os textos mais relevantes, as polêmicas históricas, as disputas políticas, os confrontos esportivos e tudo que aconteceu no Maranhão naquelas seis décadas.

Aquele escada, que ainda está lá, semidestruída, viu todos os textos e pesquisas de Isaurina, Helciane e Ademar receberem a assinatura de Gilson Dumont, nosso chefe de redação.



A minha verdadeira Faculdade de Jornalismo: O Imparcial

DIEGO EMIR

Tinha apenas 23 anos, quando fui surpreendido pelo convite do diretor Pedro Henrique Freire para assumir a Editoria de Política do jornal O Imparcial. Logo em nossa primeira conversa, soltei a ingênua pergunta: "Mas você sabe quantos anos eu tenho?". Como resposta, recebi a confiança para comandar um dos setores mais complexos e importante de qualquer veículo de comunicação.

Recém-formado da Faculdade de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, a redação do jornal O Imparcial me ensinou muito mais que as aulas teóricas e práticas da graduação ao longo de quatro anos.

Lembro como se fosse, o meu primeiro dia na redação. "Mais perdido que cego em tiroteio", levei quase 10 horas para fazer um trabalho que os experientes editores faziam em três horas.

Mas o fato de ser um Millenial evitou que eu desistisse na primeira semana, daquela nova função, se fosse um jornalista da Geração Z, acho que o "mimimi" teria falado mais alto e eu teria de-



sistido daquela oportunidade. Trabalhar no impresso, sempre foi meu sonho, desde quando entendi que desejava me tornar jornalista e O Imparcial era uma referência, ainda mais pelo fato do meu pai - Aquiles Emir - ter tido seu primeiro emprego como "escriva" no jornal maranhense dos Diários Associados.

Ainda enquanto estudante de jornalismo, li o "Chato: o rei do Brasil" e ainda que seja uma figura muito controversa até os tempos atuais, Assis Chateaubriand terminou por me encantar pelo jornal O Imparcial.

Por ali passaram grandes jornalistas, estes que eu lia seus nomes quase que diariamente na placa em homenagem aqueles que fizeram a história de O Imparcial no caminho para a Redação.

E estes que passaram por lá foram a inspiração para desempenhar da melhor forma possível minha função, que muito mais que editor, atuei como repórter, fotógrafo e ainda me arrisquei algumas vezes na diagramação, ainda que não tivessem me orientado a fazer tais funções.

Das várias lembranças que eu tenho da passagem por O Imparcial,

recordo-me do inesperado dia em que as duas repórteres que trabalhavam comigo tiveram infortúnios e não puderam trabalhar. Poderia ter me lamentado, recorrido ao banco de matérias nacionais, mas nada disso fiz. Peguei meu celular, a minha Nikon D5100 e fui para Assembleia Legislativa e Palácio dos Leões.

No dia seguinte, quem abriu as páginas 2 e 3 da editoria de Política de O Imparcial, só viu assinaturas do jornalista Diego Emir, afinal produzi cinco matérias e ainda editei.

O cansaço era natural, afinal vida de jornalista, não é fácil, mas vinha com uma sensação típica de quem ganhava uma partida de futebol, uma extrema satisfação ao materializar no papel o que tinha sido produzido após muita apuração e dedicação.

Além do sentimento de satisfação pessoal, existia outro sentimento coletivo, o prazer de trabalhar em Redação tão plural, mas solidária e qualificada. Lembro com saudade daquela rotina e das boas conversas que as tardes e noites me propiciaram.

Hoje com 12 anos de experiência no jornalismo, digo sem medo de errar que O Imparcial foi a Faculdade que realmente me preparou para o exercício profissional. Da Redação só me faltou o diploma, mas como este nem é mais valorizado como determinou o STF, ganhei o mais importante: aprender fazer Jornalismo na prática.

E me assoberbo de orgulho ao falar que nos impressos ao longo de 98 anos de O Imparcial, existem linhas escritas e editadas por mim.



ELEIÇÕES 2024

Othelino Neto se filiará ao partido Solidariedade

Ao anunciar seu novo endereço político no início desta semana, o parlamentar que deixou o PCdoB, declarou sua oposição ao governador do Maranhão Carlos Brandão

SAMARTONY MARTINS

O deputado estadual Othelino Neto anunciou nesta terça-feira (30) que vai se filiar ao partido Solidariedade. A cerimônia de filiação do parlamentar ocorrerá no sábado (4), ao meio-dia, no Rio Poty Hotel. A legenda é comandada no estado por sua irmã, Flávia Alves, suplente de deputada federal. Ao anunciar seu novo endereço político no início desta semana, o Othelino também declarou que fará oposição ao governo de Carlos Brandão (PSB).

Othelino formalizou sua decisão de liderar a oposição à administração estadual, em recente pronunciamento na Assembleia Legislativa. A mudança de partido e sua declaração de oposição representam uma tentativa de mudança significativa no equilíbrio de poderes no Maranhão.

O distanciamento do deputado em relação à base governista já era perceptível desde a eleição da Mesa Dire-

tora da Casa, na qual o Palácio dos Leões influenciou e supervisionou a escolha da presidente Iracema Vale (PSB) e designou a Representação do Maranhão em Brasília para Othelino, em um gesto que foi visto como um prêmio de consolação.

A filiação de Othelino Neto no Solidariedade foi recebida com entusiasmo pelo deputado Wellington do Curso (Novo). Os dois comemoraram o surgimento de uma possível oposição mais forte no plenário do legislativo estadual maranhense.

Vale ressaltar que essa postura oposicionista de Othelino pode fortalecer a oposição ao governo do estado, especialmente se outros parlamentares estaduais, como por exemplo, Fernando Braide, a seguirem o mesmo caminho. Isso poderia criar um contraponto mais forte ao governador Carlos Brandão (PSB), aumentando o debate político e potencialmente influenciando as decisões políticas futuras.

A mudança de partido e a declara-

ção de oposição podem ser parte de uma estratégia mais ampla de Othelino para se posicionar para futuras eleições, seja para a reeleição como deputado estadual ou para uma possível candidatura a outros cargos políticos em 2026 concorrendo a uma vaga na Câmara Federal.



JUSTIÇA

Froz Sobrinho no TJMA e Paulo Velten no TRE/MA

Em sessão solene, os quatro novos dirigentes do Poder Judiciário do Maranhão tomaram posse nesta terça-feira (30), no Auditório Darcy Ribeiro, no Centro de Convenções do Multi-center Sebrae, em São Luís. Os desembargadores José de Ribamar Froz Sobrinho (presidente), Raimundo Bogéa (1º vice-presidente), José Jorge Figueiredo (2º vice) e José Luiz Almeida (corregedor-geral) assumiram os cargos para o biênio de abril de 2024 a abril de 2026. Antes da solenidade, os empossados participaram de entrevista coletiva perante a imprensa local.

A solenidade teve a presença dos desembargadores e desembargadoras da Corte, juízes e juízas, autoridades dos Três Poderes nos âmbitos federal, estadual e municipal, militares, acadêmicos, membros do Sistema de Justiça, servidores e servidoras, representantes de povos indígenas e da sociedade civil, entre outros.

O presidente empossado, desembargador Froz Sobrinho, abriu seu discurso com a participação ao vivo dos facilitadores e facilitadoras dos 121 Pontos de Inclusão Digital (PID) distribuídos em cidades, povoados, quilombos, aldeias indígenas e ilhas localizadas em todas as regiões do Maranhão, por meio do programa Justiça de Todos desenvolvido ao longo de sua gestão à frente da Corregedoria Geral da Justiça (2022/2024), objetivando ampliar o acesso à Justiça para populações de locais de difícil acesso.

“Fomos de Davinópolis a Caçacueira, em Cururupu, passando por Montes Altos, várias cidades, termos e lugares distantes no Maranhão, isso é

justiça inclusiva e foi no que apostei na Corregedoria”, frisou, anunciando que a próxima sala será instalada no bairro da Liberdade, em São Luís, considerado o maior quilombo urbano da América Latina.

Velten toma posse como vice-presidente e corregedor

O desembargador Paulo Sérgio Pereira Velten assumiu nesta segunda, 29 de abril, o cargo de vice-presidente e corregedor do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão, após tomar posse como membro efetivo da Corte durante sessão solene prestigiada por familiares, amigos/as e diversas autoridades, entre elas os ministros Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, e Reynaldo Soares, do Superior Tribunal de Justiça, além da imprensa.

A cerimônia, transmitida ao vivo pelo canal TRE-MA do youtube, foi conduzida pelo presidente, desembargador José Gonçalo de Sousa Filho, que, em seu discurso de boas-vindas ao novo membro, destacou: “pelo currículo, podemos constatar que Paulo Velten é um obstinado e obcecado por estudar, tendo nos estudos e no trabalho, sua grande mola propulsora para o sucesso, pois é possuidor de doutorado, mestrado e especialista em várias áreas do direito, além de professor universitário em cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado”.

Registrou que o desembargador Paulo Velten, “antes de chegar ao Tribunal de Justiça, em 2007, foi um brilhante e competente advogado. Hoje

é um magistrado com mais de 15 anos de intensa atividade judicante que possui todas as credenciais para a posse que ora se efetiva”.

Por sua vez, o desembargador Paulo Velten analisou a fase política atual; pontuou a relação de notícias falsas com justiça eleitoral; o que sente em relação às lideranças sobre cuidado com a coisa pública na hora de governar; entre outros temas. “Precisamos de uma sociedade educada, consciente, esclarecida, socialmente responsável e participativa, assim como instituições fortes, que assegurem as regras do jogo democrático com absoluta igualdade e para todos que desejarem se lançar na disputa e é aí que entra a justiça eleitoral”.

Continuou dizendo que: “com efeito da Revolução Constitucionalista de 1932, a Justiça Eleitoral no Brasil desde então tem contribuído significativamente para nosso avanço institucional, colocando na mão de profissionais isentos a fiscalização do alistamento (e vimos aqui no Maranhão a importância disso para o município de Imperatriz), da votação, da apuração dos votos e reconhecimento de eleitos/as, reduzindo em muito as possibilidades de fraude... E tudo com um único propósito: fazer valer a manifestação da vontade livre, consciente e soberana do/a eleitor/a. Sem qualquer espécie de vício ou mácula”.

Por ter tomado posse como membro efetivo, o desembargador Paulo Velten foi condecorado com a Medalha Ministro Arthur Quadros Collares, maior honraria da justiça eleitoral maranhense.

CÂMARA DE SÃO LUÍS

Comissão encerra oitivas na representação em desfavor de Domingos Paz

O vereador Domingos Paz (DC) prestou depoimento aos membros da Comissão de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara Municipal de São Luís (CMSL), na tarde da última quinta-feira (25), no plenário Simão Estácio da Silveira. Ele está respondendo a um processo disciplinar por suposta quebra de decoro parlamentar.

Paz chegou à Câmara com seus advogados e, em seguida, entrou no plenário, com a procuradora da Casa e os integrantes da Junta de Instrução composta por Aldir Júnior (PL), relator; Francisco Chaguinhas (PSD), Marcial Lima (PSB), Jhonatan Soares – do Coletivo Nós (PT), que são membros titulares; e Astro de Ogum (PCdoB), presidente do colegiado.

Alegando armação

Domingos Paz foi ouvido por cerca de três horas e respondeu uma série de questionamentos sobre a denúncia que foi apresentada pela vereadora Silvana Noely (PSB) junto à Comissão de Ética. Na ocasião, ele afirmou que estava sendo vítima de uma armação e nega quaisquer das acusações de assédio sexual que estão sendo feitas contra ele. Durante as perguntas, o vereador repetiu que estava muito tranquilo e já tinha conhecimento de tudo que estava acontecendo que, segundo ele, foi possível constatar em áudios e vídeos que vieram à tona. “Não conseguiram provar nada contra mim nas últimas acusações levadas à justiça. Agora, resolveram me acusar por uma carta de uma pessoa que mora no interior e veio à São Luís para fazer um tratamento psiquiátrico. No entanto, aquele que não deve não teme. Quem anda com a verdade não teme. Deus não me deixará ser penalizado por mentiras”, relatou.

Provas da inocência

Ao final da oitiva, a advogada Mariana Pessoa, que atua na defesa do parlamentar, falou com a imprensa e afirmou que durante o depoimento pediu o arquivamento do caso com base em provas que atestam a inocência do seu cliente. “Tivemos uma perspectiva positiva haja vista todas as provas positivas em favor dele foram apresentadas. Nós temos aqui uma consciência política, moral e espiritual, que tudo será resolvido porque a verdade é que o vereador é inocente, com base em todas as provas que incluem áudios, vídeos e vários arquivos. Diante dos fatos que temos em mãos, consigo afirmar, de forma jurídica, que todas as falsas acusações serão resolvidas no judiciário”, revelou.

Vítima reforça defesa

Membro titular do colegiado, o vereador Francisco Chaguinhas (PSD) disse em entrevista à imprensa que ficou clara a imprudência em relação ao caso. Ele lembrou ainda que a vítima usada para acusar Domingos Paz é a mesma que hoje está contribuindo para fazer a defesa do parlamentar. “A oitiva de hoje é um resultado das outras duas oitivas que tivemos com a autora da denúncia e a suposta vítima. O epicentro deste problema é uma jovem que tem problemas emocionais, porém, não quero julgá-la ou dizer algo contrário, pois a doença ninguém escolhe. No entanto, é muito ruim colocar essa jovem como suposta vítima e depois usá-la para a defesa do acusado. Eu acho que deveria ter uma prudência maior em relação ao caso”, frisou.

Próximos passos

Presidente da Comissão de Ética, o vereador Astro de Ogum (PCdoB), explicou que as oitivas com a autora da denúncia, a suposta vítima e o acusado, são passos importantes de todo o procedimento. Conforme o parlamentar, elas são necessárias para confrontar todas as informações e os argumentos dos envolvidos. A partir de agora, segundo Astro, o vereador Aldir Júnior – relator do procedimento, terá até o próximo dia 2 de maio para emissão de parecer. “O relator pode definir pela absolvição, pena mais branda ou cassação. A decisão deve ser avaliada pela comissão, assim que o parecer for apresentado. A depender da decisão, há necessidade de deliberação posterior em plenário, com voto de todos os vereadores”, explicou.

A coleta dos depoimentos teve início na terça-feira, 23, com oitiva da vereadora Silvana Noely (PSB), autora da denúncia. Na quarta-feira, 24, foi a vez da suposta vítima prestar depoimento à Junta de Instrução.

São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

Foi ÍMPAR tudo que vivi

EDVÂNIA KÁTIA



Entrei em O Imparcial pelas mãos do jornalista Décio Sá, espírito inquieto, questionador, repórter investigativo nato. Havia deixado o jornal O Debate para começar uma jornada que duraria oito anos de minha vida. Entre 1997 e 2005, pude experimentar uma época mágica onde todos os dias era possível aprender mais sobre os desafios do jornalismo impresso.

Foi uma época em que os jornais viviam seu dilema de existência. Com o advento da internet e a migração de vários jornais impressos para o jornalismo on-line era preciso fascinar cada vez mais o leitor, de forma a estabelecer um elo de fidelidade. Se por um lado, as novas mídias traziam o magnetismo do novo, a mídia tradicional carregava consigo a força de sua história.

Comandei a editoria de Cidades e reportagens especiais e lembro de algumas vezes me fazer uma pergunta: para quem é que eu estava escrevendo? Não tinha a resposta, mas hoje, após estar me dedicando à memória corporativa, posso responder, com toda certeza, que estávamos fazendo jornalismo para a história.

Não somente eu, mas todos que naquele período por lá estavam e por lá estiveram, afinal é o ser humano que faz toda a diferença. FOI ÍMPAR. Trabalhar na Redação ao lado de Raimundo Borges, Kelly Padilha, Luanda Belo, Elisângela Leite, Socorro Boaes, Patrícia Cunha, Janine Cidreira, Zina Nicássio, Décio Sá, Andrea Viana, Gisélia Castro, Robson Paz, Douglas Cunha, Silvan Alves, Neres Pinto, Fábio Barros, Leno Edroaldo, Glaucio Ericeira, Cesar Scanssette, Andrea Gonçalves, Paulo Pelegrini, Lissandra Leite, Roseane Arcaño, Ernildo Patrício, Samartony Martins, Mirlene Bezerra, Mivan Geodeon, Marco Aurélio, Ribamar Preseres, Walderina Silveira, Telma Borges, Mieko Wada, Ernesto Batista, Celina Cunha, Zezé Arruda, Alex Palhano, Kátia Persovisan, Rosana Miranda, ancorados pelos repórteres fotográficos Karlos Geromy, Maurício Moreira, Honório Pinheiro, Francisco Campos. Na retaguarda da diagramação, Isaac, Xaxado, Silvia Regina, Selma e Leudo e, claro, Celio Sergio com suas capas memoráveis. E Ubiracy, nosso digitador. Na chefia da Redação, por um bom período Romero e depois Gilmar Correa. No comercial, Paulo Maurício, Lene Rodrigues, Milena Miranda, entre tantos outros. No parque gráfico, Fábio.

Cada um desses personagens fez sua história, também de forma ÍMPAR. Robson Paz salvou a vida de um bebê do qual se tornou padrinho. Praseres deu uma esperança a uma idosa com a manche-

te "A fome dói". Gisélia Castro deu um furo de reportagem sobre um cheque do Fundeb, pago por uma prefeitura, a título de indenização, por um caso de denúncia de estupro de uma menina, que virou CPI.

Das minhas lembranças como repórter, trago meus momentos ímpares. Eu fui responsável por uma série de reportagens sobre as estradas do Maranhão, o que veio a resultar em verbas para a recuperação das rodovias. Bem ali, aprendi a reconhecer a importância da chamada suíte. Entendi que fazer jornalismo era dar respostas à sociedade. Não bastava fazer uma matéria e deixar o assunto de lado. Era preciso pautar, pautar e pautar incansavelmente, até que alguém escutasse o apelo de um grupo social. Uma reportagem sobre o casamento comunitário de São Luís, realizado na praça Maria Aragão foi outro momento marcante. Contar as histórias de vida por trás de cada sim. O caso da família feita refém, por horas a fio. Lembro que eles não queriam falar com ninguém após o ocorrido, pois o crime chocou a cidade. Mas era preciso dar voz àquela família. Aceitaram me receber à noite para falar sobre o fato, embora fosse muito doloroso. Foi a manchete do domingo. Neste dia, eu estava na Redação de plantão e eles ligaram para agradecer a repercussão da matéria. A partir daquele texto, sentiram-se acolhidos em sua dor. Foi ali que tive a convicção que jornalismo é colocar em um texto humanidade. Não é só um fato a ser relatado. É uma vida.

Também enveredei pela vertente da memória. A matéria da história dos bairros de São Luís (2005), que para minha felicidade ainda hoje é fonte de pesquisa para trabalhos em escolas e acadêmicos, é um bom exemplo. A outra é A serpente vive - A lenda é cheia de mistérios e agora está eternizada no monumento da Lagoa da Jansen, que mal foi construído e adernou numa espécie de provocação para novas estórias (2002), um textos escolhidos pelo jornalista Félix Alberto Gomes Lima para o livro Maranhão Reportagem.

E o jornalismo investigativo? Pois é. Era preciso contar a história da cidade, das pessoas, mas também era preciso denunciar, apurar. A profissão exige. Polícia estoura cativoeiro na Vila Itamar - Quatro crianças eram mantidas como prisioneiras e uma mulher conta que foi submetida a uma sessão de torturas durante todo o final de semana (2002) me colocou diante de uma das cenas mais duras de minha vida como repórter. Aqui abro um parêntesis importante sobre as fontes.

Era necessário estabelecer um elo de confiança de forma que o furo de reportagem não estivesse acima de um interesse maior, especialmente em casos de investigação ou denúncia. Quando se faz jornalismo com responsabilidade, todos ganham.

ÍMPAR também foram as pautas sobre a nossa profissão. Defensora do jornalismo como sou, por diversas vezes tentei levar ao leitor um pouco da nossa profissão. Penso que nas matérias Da pauta à manchete - Essa matéria convida você leitor a uma viagem pela produção diária da notícia e também na matéria Sim, senhor leitor - Com a palavra aqueles que são consumidores da notícia (2005) há um breve resumo de tudo de nossa profissão. E a série Memória em Pauta, com as reportagens sobre A Greve de 1979, os Encontros Nacionais do Curso de Comunicação realizados em São Luís, entre outros, deixam significativa contribuição para a história da nossa profissão em nossa cidade.

Na condição de chefe de reportagem, sempre deixava um repórter livre para que ele mesmo pudesse colocar seu olhar sobre a cidade, trazendo para a redação a sua percepção das histórias que tinha encontrado pelo caminho. De um modo geral, o repórter já sai da Redação com o que chamamos de pauta, um assunto pré-definido. Mas com essa fórmula, conseguimos dar vida aos personagens invisíveis de nossa cidade, encontrados pelo caminho, a exemplo da beata da escadaria da Igreja da Sé.

Na condição de editora de Cidades, embarcava junto com todos na criatividade. Buscávamos deixar para trás os títulos padronizados para dar margem a títulos e manchetes instigantes, ÍMPARES. Pé no freio senão é multa, para avisar sobre os novos pardais da cidade, foi uma das que mais me marcaram. Eu lembro que eu brincava com os títulos, na tentativa de fidelizar os leitores.

Aliás, os editores e diagramadores experimentavam diariamente o desafio da inovação. Estimulados por Celio Sergio, buscávamos uma nova forma de dizer. Com o uso de programas de diagramação, era possível voar mais alto, alinhando o texto à esquerda ou direita, usando capas, ousando na disposição das fotos.

As capas eram o produto final. Ah! As capas ÍMPARES tornam-se um capítulo à parte nessa história. Todo dia às 19h havia a reunião para definir a manchete do dia seguinte. Era o horário em que cada editor apresentava os fatos do dia. Foram tantas que não posso enumerar.

De tudo que vivi, posso afirmar que é nas páginas de Jornais que podemos desvendar nossa memória, sendo certo o caminho das bibliotecas e arquivos. Embora as outras formas de jornalismo, como o jornalismo televisivo e o radiofônico e, hoje, o jornalismo on-line também possam dispor de meios de pesquisa, é no jornalismo impresso que os pesquisadores mergulharam para contar a história de uma época em que só havia o jornalismo impresso. Assim, a existência de jornais impressos, como O Imparcial, é a garantia de preservação da nossa memória, é a certeza de que o jornalismo vive.



1990 / FOTO DA ASSEMBLEIA DE FUNDAÇÃO DO SINDSEP/MA

1º de MAIO

VIVA A LUTA DOS
TRABALHADORES E
TRABALHADORAS.

Fruto de muitas mobilizações e dia de unir forças em defesa dos nossos direitos.

Foi com a união de uma categoria aguerrida que viemos construindo ao longo de 33 anos um dos maiores sindicatos cutistas do Maranhão.



A VERDADE É CLARA

E IMPARCIAL

É POR ISSO QUE A GENTE SE DÁ TÃO BEM.

PARABÉNS PELOS SEUS 98 ANOS, TRANSFORMANDO A HISTÓRIA EM INFORMAÇÃO.



São Luís, quarta e quinta-feira, 1º e 2 de maio

ANUNCIADA OFICIALMENTE
A RENDIÇÃO DE TODOS
OS EXÉRCITOS ALEMÃES

O IMPARCIAL

98 Anos

UMA HISTÓRIA ESCRITA
COM EXPERIÊNCIA
E CREDIBILIDADE.

Ele nasceu no mesmo ano que Marilyn Monroe. Já começou predestinado ao sucesso. Presenciou a fundação de Brasília, testemunhou a II Guerra Mundial, comemorou o nascimento do Rei Pelé e os cinco títulos mundiais do nosso futebol. Viu o Brasil gritar por liberdade e eleições diretas.

Se emocionou quando o papa João Paulo II visitou o Maranhão e se orgulhou quando São Luís se tornou Patrimônio Cultural Mundial. Mais do que testemunhar e relatar a História do Brasil, do Maranhão e do mundo, O Imparcial escreve a sua própria história, sempre com experiência e credibilidade.

O BRASIL É TETRA

www.al.ma.leg.br
f @ x assembleiama



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
189
TRABALHO, COMPROMISSO
E INDEPENDÊNCIA.

300 MIL NAS RUAS
PELAS DIRETAS JÁ

O "REI DO FUTEBOL"
ENCERROU COM CHAVE
DE OURO SUA PARTICIPAÇÃO
COM 4 GOLS,

ESTÁDIO CASTELÃO

O Gigante completa 42 anos de muita história

No dia do seu aniversário de 42 anos, o Estádio Castelão encontra-se em reforma para receber partidas dos clubes maranhenses em competições nacionais

MANOEL MARTINS
Especial para O Imparcial

Para muitos a construção do Estádio Castelão em 1982 é considerada um triunfo gigantesco alcançado, numa época que em todo território brasileiro surgiram as grandes praças esportivas.

Por ter participado como Superintendente de Praças Esportivas do Estado do Maranhão em duas oportunidades, e conseguindo realizar reconhecidos trabalhos em ambas, considero o Castelão como se fosse um parente bem próximo, um ente querido familiar, que por duas vezes esteve na UTI, e tivemos a satisfação de trabalhar para salva-lo.

Durante o o Governo Cafeteira, fizemos parte da equipe do ex-secretário da Sedel, desportista Carlos Guterres, que além de recuperar o Estádio Castelão, ampliou o Complexo Esportivo construindo as Pista de Kart, Skate e Quadra de Tenis, além de recupe-

ração da Pista de Atletismo; Piscina; Ginásio Castelhino; Ginásio Ruben Goulart e Estádio Nhozinho Santos, espaço pertencente ao município, mas, administrado pelo Governo Estado durante 20 anos graças a um acordo firmado entre os dois poderes.

Vinte anos depois voltamos ao comando da Supervisão de Praças Esportivas do Estado do Maranhão, Governo do Jackson Lago, quando foi iniciado a recuperação do Estádio Castelão, que se encontrava numa situação estrutural dramática, cujo destino era cair, como aconteceu com a Fonte Nova em Salvador

Surgimento do estádio com o crescimento da modalidade esportiva futebol no Brasil, a conquista do tricampeonato mundial em 1970, o surgimento do Campeonato Nacional de Futebol Profissional em 1971; a conquista nacional do Sampaio Correa em 1972, entre os clubes que não participaram do Nacional e a inclusão do Maranhão na competição Nacional em 1973, surgiu a necessidade de uma

praça esportiva com melhores condições para atender a presença de público, já que o nosso único o Estádio Nhozinho Santos, apesar de ampliado em 1973 com capacidade para mais de 24 mil pagantes, não atendia mais a presença de dos torcedores.



INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Confira os principais dados do Estádio do Castelão



- Fundação: 1º de maio de 1982 – Torneio Comemorativo ao Dia do Trabalho.
- Primeiro gol: Evandro (MAC) aos 4 minutos do primeiro tempo. O gol foi marcado na meta do lado da Coca-Cola.
- Primeiro Jogo da Seleção Brasileira: 5 de maio de 1982. Brasil 3 x 1 Portugal
- Primeiro Sampaio: 4 de junho de 1982. Sampaio 2 x 2 MAC – Torneio Ivar Saldanha
- Primeiro Maremoto: 10 junho de 1982. Moto 2 x 1 Mac – Torneio Governo do Estado
- Primeiro Sampaio x Moto: 12 de junho 1982. Sampaio 1 x 1 Moto – Torneio Governo do Estado
- Primeiro árbitro Maranhense: Renato Rodrigues (Torneio Inaugural) em 1º de maio de 1982. Sampaio 1 x 1 MAC
- Primeiro árbitro de fora: Carlos Rosa Martins (RS). Brasil 3 x 1 Portugal – 5 de maio de 1982
- Primeiro campeão maranhense: Moto – 1982
- Maior goleada interestadual: Sampaio 10 x 0 São Raimundo (RO) – Copa Norte – 11 de abril de 1998
- Maio goleada regional: Sampaio 13 x 0 São José (o antigo do João Paulo) 25 de agosto de 1983
- Maio goleada em clássico: 8 de dezembro de 1994. MAC 6 x 1 Sampaio
- Primeiro gol olímpico: Gilmar Pipoca (Sampaio) – 15 de fevereiro de 1998. Sampaio 2 x 0 Moto
- Gol mais rápido: Mael (MAC) 20 segundos do 1º tempo – 6 de agosto de 1992
- Maior Público: 95.720 pagantes – Sampaio 1 x 5 Santos (SP) – Copa Commebol em 23 de setembro 1998

Gigante "diminuiu de tamanho" com reformas

Há exatamente 42 anos, dia 1º de maio de 1982, o Governo do Estado do Maranhão, inaugurava no Complexo Esportivo do Outeiro da Cruz, hoje denominado Canhotão, o Estádio de Futebol, com a realização de um torneio entre Sampaio, Moto, MAC e Expressinho, ganho pela equipe boliviana.

Quando da sua construção, o estádio tinha capacidade para 75.263 (setenta e cinco mil, duzentos sessenta e três), sendo apenas de 5.363 (cinco, trezentos sessenta e três) de cadeiras cobertas, único espaço que não sofreu alteração na segunda reforma do estádio. Hoje, o Estádio Castelão tem a capacidade para receber apenas 40.149 com utilização de cadeiras em todos setores do Estádio.

Primeira reforma e ampliação. Com apenas seis anos de existência, como sempre acontece entre os Governos, o que assumiu o Estado após o surgimento do Castelão, não deu prosseguimento ao projeto de criação do Complexo Esportivo, e quase tudo que foi feito era perdido. No Governo do Dr. Epitácio Cafeteira, com a presença na área do Esporte de um Secretário do ramo, Carlos Guterres, além da recuperação do Estádio Castelão, surgiram as quadras para práticas das modalidades: Tenis, Skate e Kart, além de recuperar todos outros espaços esportivos.

Primeiro fechamento estádio

Em 17 março de 2004, foi realizada o último jogo antes do fechamento do Estádio Castelão. O Sampaio Correa venceu o Vitória da Bahia, pelo placar de 1 x 0, em jogo valendo pela Copa Brasil. Como detalhe, e, contrariando a determinação da Justiça, foram

realizados mais dois jogos do campeonato maranhense, com portões fechados no Estádio Castelão.



Última reforma

No ano de 2012, com a bela campanha do Sampaio no brasileiro da série D, a cobrança do torcedor aumentou pela liberação do Estádio Castelão, fechado desde 2004, até porque, o Nhozinho Santos na reforma executada no Governo Cafeteira, teve sua capacidade diminuída de mais de 24 mil, para menos de 20 mil torcedores.

Novo fechamento

Para muitos causou estranheza a necessidade da Sedel fechar o Castelão para recuperação do gramado de jogo, bastante castigado pelo volume de água que recebeu nessa temporada, assim como o grande número de jogos ali realizados.

Dia 1º Maio

Nos primeiros anos após sua inauguração, o Castelão sempre abria suas portas para receber uma atividade esportiva. Em 1982, Torneio de Inauguração com Sampaio, Moto, Mac e Expressinho. Em 1983 com 5.423 pagantes Sampaio 3 x 0 no Mac, jogo vá-

lido pelo Torneio Luiz Rocha, Governador do Estado. No ano seguinte, 1984, os portões foram abertos para os torcedores assistiram um torneio com a participação de Sampaio, Mac, Expressinho e Tupan

Em 1985, em homenagem ao Presidente Tancredo Neves foi realizado um Torneio em seu nome, com portões abertos ao público, com a participação de Moto, Mac, Sampaio e Tupan. Os portões foram abertos ao público. O time do Tupan venceu o torneio. Em 1986 não houve jogo. Em 1987 o Sampaio venceu o Paysandu por 1 x 0, com 3.050 pagantes. Em 1988, não houve jogo. O Estádio estava fechado desde 3 de setembro de 1987. Em 1989, os portões foram abertos para o público para assistir o jogo pelo campeonato maranhense Sampaio 1 x 1 Moto.

Nos anos 90, só em 1991 tivemos o Estádio aberto na data de sua inauguração, foi realizado um jogo entre Moto versus o River do Piauí, com vitória do Moto por 3 x 2 em jogo de caráter amistoso.

Tivemos em 2002 uma rodada dupla no dia 1º de maio, com portões franqueados aos torcedores Moto 1 x 2 Caxiense e Mac 3 x 2 Sampaio, em jogos pelo Campeonato Maranhense. No ano seguinte, 2003, com um público de 1.240 pagantes o Moto perdeu de 2 x 0 para Imperatriz em jogo válido pelo maranhense.

O último jogo no Castelão no dia do seu aniversário, 1º maio de 2016, quando o Sampaio ganhou do Imperatriz, em jogo do Campeonato Maranhense da série A, pelo placar de 3 x 0. Apenas 1.863 pagaram ingressos e 736 não pagaram, perfazendo um total de 2.599.



- Maior Público regional: 73.226 – Moto 3 x 0 Sampaio – 29 de julho de 1998.



DRAMATURGIAS

Itapecuru-Mirim recebe oficina teatral gratuita

As inscrições são gratuitas e devem ser realizadas por professores da educação infantil, artistas e interessados em geral até 05/05

O projeto Sesc Dramaturgias tem sido um importante fomentador da cena local, contribuindo para o surgimento de novos grupos e coletivos, compartilhamento de pesquisas e intercâmbio artístico.

Nesta edição oferta gratuitamente a Oficina Dramaturgias de Um Corpo-Brincante de 7 a 9 de maio, das 14h às 18h, no Sesc Itapecuru. As inscrições são gratuitas e devem ser realizadas por professores da educação infantil, artistas e interessados em geral até 05/05 por formulário online. Ofertando 15 vagas, "Dramaturgias de Um Corpo-Brincante" é um manifesto ao aqui e agora, comprometido com a vivência

do processo criativo através do movimento, do gesto, da palavra que brinca na potência do corpo cênico. Já dizia Mia Couto: "brincar é a primeira festa que a vida nos oferece. Depois vem o sonho". A oficina propõe uma vivência teatral voltada para professores da educação infantil, artistas e interessados em geral, onde poderão corporalmente experimentar um pouco de tudo o que envolve a ludicidade do teatro, da atuação, através do entendimento da prática teatral sendo um instrumento vivo na educação, além de estímulo a uma consciência mais profunda dos educadores ao seu empoderamento como profissional. As aulas são pensadas no intuito de ampliar os sentidos, estimulando o potencial artístico e criativo dos participantes. Dessa forma, utiliza os jogos teatrais, exercícios corporais e vocais, criação de cenas, personagens, narrativas de atuação e muita improvisação. Criar mundos, histórias, movimentos é nossa maior aventura nesse universo imaginativo do experimento

SUCESSO

Fallout se torna 2ª série mais vista da história do Prime

Fallout está com tudo. A série de drama pós-apocalíptico baseada nos jogos eletrônicos da Bethesda, lançada no começo de abril pelo Prime Video, foi vista por nada menos do que 65 milhões de espectadores em todo o mundo em seus primeiros 16 dias de exibição.

Uma conquista e tanto para a plataforma, que tem agora sua própria adaptação de sucesso vinda do universo dos videogames.

De acordo com dados revelados pela própria Amazon, Fallout chegou ao topo do ranking de programas mais assistidos do streaming em 170 países, provando que o sucesso de sua trama foi muito além dos EUA. Aqui no Brasil, inclusive, ela não saiu dessa posição desde sua estreia em 10 de abril, movimentando as redes sociais com comentários a respeito de seus episódios e personagens.

Toda essa comoção fez com que o show fizesse história na plataforma e se transformasse na sua segunda série mais assistida de todos os tempos desde O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder em seus primeiros 16 dias de exibição.

O mundo pós-apocalíptico de Fallout

Ambientada em uma realidade alternativa em que uma guerra nuclear dizimou a maioria da população, Fallout se passa mais de 200 anos após o conflito, quando alguns de seus sobreviventes desenvolveram comunidades em abrigos subterrâneos, enquanto outros vivem em condições precárias na radiação da superfície.

É nesse cenário de destruição que a jovem Lucy (Ella Purnell), uma mora-

dora do Vault 33, decide sair do conforto e proteção do seu bunker, após ele ser invadido por habitantes da superfície.

Em busca de seu pai, sequestrado pelos invasores, ela decide se aventurar no mundo lá fora, sem imaginar os perigos que a aguardam.

Uma aventura que a coloca no caminho de Maximus (Aaron Moten), um escudeiro da Irmandade do Aço e do Necrótico (Walton Goggins), um famoso ator de Hollywood, embaixador da Vault-Tec, que se transformou em um ghouls assassino.

Bethesda rejeitou várias propostas de adaptação

Há quatro anos em produção, a série de Fallout era um sonho antigo de muita gente, desde que o jogo Fallout 3 foi lançado em 2008, se tornando um dos maiores sucessos da franquia. Não à toa, Todd Howard, chefe da Bethesda, contou para o Gamespot que rejeitou muitas propostas de adaptação antes de aceitar o projeto atual, que tem um início parecido ao do terceiro jogo.

Segundo o designer de jogos, ele apenas mudou de ideia e deu sinal verde para um programa de TV sobre a franquia devido a Jonathan Nolan, produtor que estava envolvido no projeto e era um confesso admirador dos jogos de Fallout.

Fã dos games e profundo conhecedor do universo da saga, Nolan conseguiu convencer Howard de que sabia como adaptar a história para TV, fazendo jus ao material original.

Uma parceria e confiança que, com o sucesso da produção, parece

e entendimento do corpo em seu estado de constante presença. A oficina será ministrada por Suzanne Guimarães (MA). Ela é graduada em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB/UFMA e integrante do GEPEID/UFMA (Grupo de Estudo Pesquisa, Educação, Infância e Docência).

CRONOGRAMA

– Período de inscrição : 30/04 a 05/05

– Divulgação do resultado: 06 de maio

REALIZAÇÃO DO CURSO

Período: 07 a 09 de maio/2024 (terça a quinta-feira)

Horário das aulas: 14h às 18h

Local: Biblioteca Sesc Ler

MÚSICA

Paolo Ravley lança segundo álbum "O Apelo"

O cantor, compositor e produtor LGBTQIAPN+ maranhense, Paolo Ravley, acaba de lançar seu novo álbum "O Apelo". O projeto, que compreende 10 faixas, une elementos eletrônicos e orgânicos, mantendo a sua assinatura desde o seu primeiro disco "Mundos". O disco traz altos e baixos sobre perdas, vivências e a volta por cima.



Com uma trajetória sólida na música eletrônica e pop, Paolo já percorreu mais de 30 cidades no Brasil, México e Espanha, promovendo seu primeiro disco. Agora, o artista promete o mesmo feito com o novo lançamento, com já dois shows marcados no

Blue Note, no Rio de Janeiro (09 de maio), e no Cine Joia, em São Paulo (11 de maio).

"Estou muito feliz em poder apresentar meu novo álbum ao vivo e trocar essa energia com a galera que acompanha meu trabalho. Sair de uma folha em branco à busca de sons que pudessem me fazer companhia no silêncio do meu quarto definitivamente é um processo de cura e realização pra mim. E não me sinto mais tão sozinho quando vejo que tudo isso pode ecoar e ressoar no coração de outras pessoas a partir de agora", diz.

No último ano, o artista deu uma prévia do que seria o álbum com cinco singles: O Apelo, Shanghai, Não Dá, O Meu Lugar e Dímelos. Agora, o disco será complementado por mais cinco faixas: Ar, Vai com Deus, Vai, 1001 Noites, Zum Zum Zum e Agora Bateu.

O Apelo foi dividido em dois atos, em uma homenagem à sua mãe, onde começa com um dos carros-chefe do álbum, com direito a videoclipe gravado em um manoir na região francesa da Picardia, dirigido por Francisco Júnior. A faixa, que tem o mesmo nome do disco – é puro sentimento em forma de música. "Perdi minha mãe em 2022 depois de um longo tratamento contra um câncer e essa canção nasce no quarto ao lado onde ela estava acamada. Eu lembro exatamente o momento em que a escrevi, em prantos. Era meu grito, meu apelo ao universo pela cura da mulher que me deu a vida ou ao menos por forças pra poder acompanhá-la nesse momento tão doloroso. O mais surpreendente era que, a princípio, meus planos eram fazer um álbum com apelo comercial, mas a vida nos ensina do seu jeito que nem tudo é como queremos. Incrível como palavras podem ser ressignificadas da noite pro dia".

A segunda faixa, Shanghai, reúne sonhos e vontade de fazer música. "Mudei pra França aos 18 anos e muitas coisas deram errado, muitas coisas eu aprendi e me tornei a pessoa que sou hoje. Essa música retoma meu estilo eletrônico que foi por onde eu comecei e fala um pouco da minha história, que pode ser a história de muitas outras pessoas que abandonam o seu próprio país em busca do desconhecido, em busca de aventura ou em busca de oportunidade. É por isso que ela é metade francês, metade português, aliás. Xangai é apenas um nome de cidade, que poderia ser qualquer outra. No meu caso, Paris".

Em um misto de dor e esperança, Não Dá fala sobre impotência, medo e angústia. "Nunca esquecerei o momento em que a médica de minha mãe nos anunciava que o tratamento dela não deu resultado e que a partir de então os cuidados seriam apenas paliativos. Ali foi anunciado a minha mãe que ela deveria voltar para casa e "esperar a morte". Ela pediu para que a doutora fosse mais clara possível com ela, porque ela tinha direito, e queria planejar o tempo que lhe restava, tomar providências em relação aos filhos. Eu não sabia o que dizer pra minha mãe a princípio. Mas tentei segurar ao máximo minha dor e emoção, pra lhe dar conforto e segurança e um pouco de esperança. Se você prestar atenção na letra, sou eu conversando com ela dizendo que "não vale a pena esperar a morte", talvez essa não venha, talvez algum milagre vai se operar, talvez haverá cura. Perceberá também meu sentimento de impotência que me torturou ao longo de quase dois anos. Havia tantos talvez que eu queria que ela acreditasse".



Para quem ficou curioso e deseja assistir à série, os oito episódios de Fallout estão disponíveis no Amazon Prime Video.

Uma segunda temporada do show já foi confirmada pela Amazon, mas ainda não tem data oficial de lançamento.

BILHETAGEM ELETRÔNICA

DPE quer explicações do SET e SMTT

Nudecon da DPE-MA, encaminhou ofícios sobre as constantes falhas no novo sistema de bilhetagem eletrônica do transporte público de São Luís

Em razão das constantes falhas no novo sistema de bilhetagem eletrônica do transporte público de São Luís, o Núcleo de Defesa do Consumidor (Nudecon), da Defensoria Pública do Estado (DPE/MA), encaminhou ofícios ao Sindicato das Empresas de Transportes (SET) e à Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte (SMTT), solicitando informações sobre as mudanças realizadas, que vêm acarretando prejuízos à população.

A intenção do Nudecon é conhecer melhor o sistema, para intervir de forma adequada, contribuindo para o seu aperfeiçoamento. Nos ofícios encaminhados, os defensores públicos questionaram sobre a quantidade de usuários cadastrados e ativos, bem como as razões da mudança ocorrida no sistema de bilhetagem.

Além disso, requereram aos responsáveis informações sobre a quantidade diária de usuários atendidos para recarga em datas específicas, bem como as medidas de fiscalização

adotadas pela SMTT para as ocorrências e o resultado destas na resolução do fato.

Neste mês de abril, o sistema de bilhetagem mais uma vez apresentou problemas. O Nudecon já tomou conhecimento de duas outras situações semelhantes. Desta vez, a falha na hora de comprar os créditos gerou atraso e uma grande fila de espera para quem desejava recarregar os cartões nos terminais de integração da capital maranhense. Segundo relatos de usuários do transporte coletivo, foi necessário esperar por mais de uma hora em pé para serem atendidos.

Recentemente, o Nudecon reuniu-se com representantes das duas entidades, com o intuito de analisar a situação que tem afligido a população que utiliza o transporte público da capital.

Na oportunidade, os defensores públicos Juliano Sousa dos Anjos, Diego Ferreira Oliveira, Marcos Vinicius Frões e Gustavo Ferreira Leite ressaltaram que os problemas representam

prejuízos materiais e morais à coletividade que depende do transporte público.

“Queremos entender melhor o que aconteceu e se houve a configuração de dano coletivo. Estamos instruindo o procedimento”, afirmou o defensor público Juliano Sousa.



PROJETO

Troque lâmpadas incandescentes por novas de LED

A Equatorial Maranhão através do Programa E+ Reciclagem, começou a oferecer de forma permanente a oportunidade de trocar as lâmpadas incandescentes e fluorescentes por lâmpadas de LED.

O serviço passou a estar disponível nos postos de coleta esta semana e além de incentivar o uso consciente de energia elétrica, também faz parte da plataforma de sustentabilidade da Distribuidora.

Para realizar a troca, o cliente deve estar com um documento de identificação oficial com foto, CPF, o número da conta contrato e levar até cinco lâmpadas ineficientes.

Para o Gerente de Relacionamento com o Cliente da Equatorial Maranhão, Renato Mendes, essa mudança pode gerar vários benefícios para o meio ambiente. “O modelo de lâmpadas LED é mais tecnológico, possui um consumo elétrico muito menor e uma vida útil maior, além de diminuir o descarte de mercúrio, metal pesado que prejudica a natureza e está presente nas lâmpadas fluorescentes. Pensando nisso, a Equatorial Maranhão através do E+ Reciclagem, incentiva o uso de lâmpadas LED que podem gerar uma economia ainda maior na conta de energia, gerando economia para o consumidor”, destaca Renato.

A Equatorial Energia, que tem a responsabilidade social e ambiental como um de seus valores, fomentando a reciclagem e estimulando a doação de bônus para instituições sociais, assumiu ainda o compromisso com a agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), está a Ação Contra a Mudança Global do Clima que foca, entre outros fatores, no combate à poluição em todos os meios.

Onde trocar?

Quer trocar suas lâmpadas? Saiba qual posto E+ Reciclagem mais próximo de você:

Caxias

- Endereço: Rua Aarão Reis, s/nº, Caxias – MA (2º Batalhão de Polícia Militar)
- Horário: Segunda a sexta-feira das 9h às 12h e das 13h às 17h e sábados das 8h às 12h

Timon – Centro

- Endereço: Rua Viana Vaz, S/N (Empresa B&Q) – Centro (Praça São José)
- Horário: Segunda a Sexta de 9h às 12h e das 13h às 17h e sábados das 8h às 12h

Imperatriz

- Endereço: BR 010, KM 010, S/N – Entroncamento
- Horário: Segunda a Sexta das 9h às 12h e das 13h às 17h e sábados das 8h às 12h

Bacuri

- Endereço: Rua Leôncio Pires Dou-rado Nº 173 (3º Batalhão de Polícia Militar)
- Horário: Segunda a Sexta das 9h às 12h e das 13h às 17h e sábados das 8h às 12h.

Bacuri – Praça da Prefeitura

- Endereço: Rua Símplicio Moreira, Praça da Prefeitura, Centro.
- Horário: Segunda a Sexta das 08h às 12h e das 13h às 17h.

São Luís – Vila Embratel

- Endereço: Rua 08, nº 12; próximo a

Delegacia do Bairro da Vila Embratel e ao lado da Escola Henrique de La Roque

- Horário: Segunda a Sexta das 8h às 12h e das 13h às 17h e Sábado das 8h às 12h

São Luís – Posto Guajajaras

- Endereço: Av. Guajajaras, 416, Tirirical
- Horário: segunda a sexta das 9h às 12h e das 13h às 17h e sábado das 9h às 12h

Posto Cohab

- Endereço: Av. Jerônimo de Albuquerque, Nº 37 – Cohab Anil
- Horário: segunda a sexta das 9h às 12h e das 13h às 17h e sábado das 9h às 12h

Lagoa

- Endereço: Rua dos Gaviões, s/nº – Ponta d’Areia
- Horário: segunda a sexta das 09h às 12h e 13h às 17h e sábados das 8h às 12h

UEMA

- Endereço: Cidade Universitária Paulo VI (Campus 1 da Universidade Estadual do Maranhão)
- Horário: Segunda a Sexta das 9h às 12h e das 13h às 17h

Areinha (Posto Fixo)

- Endereço: Avenida Senador Vitorino Freire, nº 2001 (Tribunal Regional do Trabalho)
 - Horário: Segunda a Sexta das 8h às 12h e das 13h às 17h
- Equatorial Maranhão Sede (Posto Fixo)**
- Endereço: Alameda A, Quadra SQS Nº 100 Loteamento Quitandinha Altos do Calhau (próximo ao Colégio Upaon Açú)
 - Horário: segunda a sexta das 8h às 12h e das 13h às 17h e sábados das 8h às 12h

OPORTUNIDADES

Ifma abre inscrições de processo seletivo com salários que ultrapassam o valor de R\$ 6 mil

Com o objetivo de realizar a contratação de professores substitutos do ensino básico, técnico e tecnológico, o Instituto Federal do Maranhão (IFMA), anuncia a abertura das inscrições de um novo Processo Seletivo, no Campus de Grajaú.



De acordo com o edital, são ofertadas três vagas, além de cadastro reserva, para os docentes das seguintes áreas:

- Educação Física (1)
- Filosofia (1)
- Letras/Português/ Língua Inglesa (1)

Inscrições

Para se inscrever, é necessário possuir graduação completa em nível superior, com licenciatura na área de interesse.

Aos docentes efetivados, o salário ofertado varia de R\$ 3.412,63 a R\$ 6.356,02, acrescido de R\$ 658,00 de auxílio-alimentação, entre outros benefícios, referente a jornada de trabalho de 40 horas semanais para o exercício das funções estipuladas.



Como participar

Os interessados devem se inscrever no período de 22 de abril até 3 de maio de 2024, exclusivamente via internet, no site da Universidade, mediante o pagamento de R\$ 50,00 de taxa de participação.

Como critérios de seleção, os candidatos serão avaliados em duas etapas, sendo elas: prova didática e análise de títulos, previstas para serem realizadas no período de 23 e 24 de maio de 2024.

Vigência

Este Processo Seletivo terá validade de um ano, a contar da data da publicação do edital de homologação do resultado final no Diário Oficial da União.